JAMES GAFFIGAN REGE A ESTREIA LATINO-AMERICANA DE *O SOTAQUE AZUL DAS ÁGUAS*, DE LUÍS TINOCO, COENCOMENDA DA OSESP

RECITAIS OSESP:
O PIANISTA FAZIL SAY APRESENTA SUA *GEZI PARK 2 – SONATA PARA PIANO*, ALÉM DE PEÇAS DE MUSSORGSKY E MOZART

O CORO DA OSESP INTERPRETA OBRAS DE COMPOSITORES LATINO-AMERICANOS SOB REGÊNCIA DE MARÍA GUINAND

ISAAC KARABTCHEVSKY REGE PEÇAS DE DUTILLEUX, MOZART E VILLA-LOBOS, COM OS SOLISTAS EMMANUELE BALDINI E FAZIL SAY

THOMAS ZEHETMAIR APRESENTA O *CONCERTO Nº 2 PARA VIOLINO*, DE BARTÓK, SOB REGÊNCIA DE HEINZ HOLLIGER

HEINZ HOLLIGER REGE PEÇAS DE SCHUBERT, STRAUSS E DVORÁK, COM A ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP

MÚSICA NA CABEÇA:
EMMANUELE BALDINI E ISAAC KARABTCHEVSKY COMENTAM AS OBRAS DE DUTILLEUX E VILLA-LOBOS

EDIÇÃO Nº3, 2016

REVISTA OSESP

MAI

Stefan Schmeling

POR PIERRE GERVASONI

4

EM RETRATOS HENRI DUTILLEUX

MAI 5, 6, 7

8

OSESP
JAMES GAFFIGAN — **REGENTE**

GIOACCHINO ROSSINI
FRANZ SCHUBERT
LUÍS TINOCO
GIUSEPPE VERDI

MAI 10

18

FAZIL SAY — **PIANO**

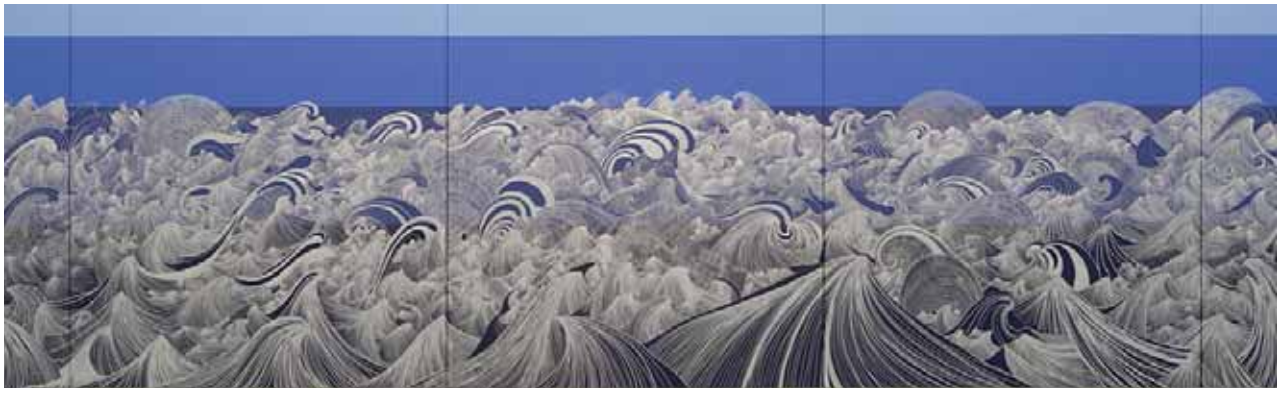
MODEST MUSSORGSKY
WOLFGANG A. MOZART
FAZIL SAY

MAI 12, 13, 14

24

OSESP
ISAAC KARABTCHEVSKY — **REGENTE**
EMMANUELE BALDINI — **VIOLINO**
FAZIL SAY — **PIANO**

HENRI DUTILLEUX
WOLFGANG A. MOZART
HEITOR VILLA-LOBOS



MAI 22

30

CORO DA OSESP
MARÍA GUINAND — **REGENTE**

ALBERTO GINASTERA
ROBERTO CAAMAÑO
CÉSAR ALEJANDRO CARRILLO
MIGUEL ASTOR
ALBERTO GRAU
RODOLFO HALFFTER
MIGUEL LETELIER
CARLOS GUASTAVINO
ANTONIO ESTÉVEZ
JESÚS PINZÓN
MARLOS NOBRE
HENRIQUE DE CURITIBA
GUIDO LÓPEZ-GAVILÁN

MAI 26, 27, 28

36

OSESP
HEINZ HOLLIGER — **REGENTE**
THOMAS ZEHETMAIR — **VIOLINO**

CLAUDE DEBUSSY
HENRI DUTILLEUX
BÉLA BARTÓK

MAI 29

42

ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP
HEINZ HOLLIGER — **REGENTE**

FRANZ SCHUBERT
ANTONÍN DVORÁK
RICHARD STRAUSS

Desde 2012, a *Revista Osesp* tem ISSN, um selo de reconhecimento intelectual e acadêmico. Isso significa que os textos aqui publicados são dignos de referência na área e podem ser indexados nos sistemas nacionais e internacionais de pesquisa.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

PATROCÍNIO

Itaú Personnalité
BM&FBovespa A Nova Bolsa
Banco do Brasil Seguros
MAPFRE Seguros
Deloitte.
BancoVotorantim
MATTOS FILHO > Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr e Quiroga Advogados

APOIO

Scotiabank
Credit Suisse
correcta alimentos
Bain & Company
pontofrio fundação viavarejo
BCG The Boston Consulting Group
FANEM
broadcast+
Consulado Geral da França em São Paulo
NEXTMIDIA
Tivoli Collection São Paulo-Mofarrej Brasil
exceda
ASCAEL
Localiza Aluguel de Carros
PHILIPS

VEÍCULOS

FOLHA NÃO DÁ PRA NÃO LER.
CBN
CartaCapital
Brasileiros
TOP
CULT
revista piauí
UOL

PARA PATROCINAR E APOIAR A OSESP

marketing@osesp.art.br

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

SELO DIGITAL

Música Clássica Para Todos

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

LANÇAMENTO

Ouça e baixe gratuitamente
osesp.art.br/discografia

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

HENRI DUTILLEUX

EM RETRATOS

POR PIERRE GERVASONI

REPRODUÇÃO NÃO-AUTORIZADA PARA VERSÃO WEB

Filho e neto de tipógrafos, Henri Dutilleux [nascido em 1916] venerou a escrita desde muito cedo. Na infância, aproveitava o silêncio dominical das impressoras para fazer os deveres de casa na oficina. Mas os primeiros prêmios pelo que escrevia não foram na escola primária de Douai (cidade onde cresceu), mas no Conservatório de Paris (em 1935 e em 1936).

Aclamado nos círculos das artes plásticas pela beleza de suas partituras — a qualidade de seu grafismo musical valeu-lhe várias exposições em galerias —, Dutilleux também poderia ser aplaudido por outras produções. O compositor era apaixonado por fotografia. Dotado de um temperamento de paisagista, a exemplo de seu bisavô Constant Dutilleux, na década de 1970 despertou a admiração dos mais próximos com suas paisagens de Belle-Île-en-Mer e dos recantos selvagens que percorreu com a máquina fotográfica a tiracolo. O precioso aparelho, da marca austríaca Voigtländer, foi dado pelo pai, quando o compositor ainda não tinha dezoito anos. Presente tão emblemático de sua trajetória pessoal quanto a partitura de *Pelléas et Mélisande*, ópera de Debussy, que não saía de seu piano durante a adolescência.

Henri Dutilleux também amava o mar. Nas praias da Côte d'Opale, fez algumas fotos motivadas por uma sede de infinito que duraria por toda a vida. Às vezes, punha a Voigtländer no chão e acionava o temporizador para treinar o autorretrato ou conservar a lembrança de um passeio em família. Mas bem depressa se tornou alvo dos fotógrafos.

A repercussão de seus sucessos nos meios de comunicação não deixavam de surpreendê-lo. Apesar de natureza discreta, não reclamava quando precisava passar diante das objetivas dos profissionais. Ou melhor, colecionava com prazer as inúmeras cópias que lhe eram enviadas após concertos, júris ou simples viagens recreativas. Os momentos marcantes de sua vida estão registrados em seus álbuns. Portanto, sempre há alguma foto para dar a dimensão de Henri Dutilleux, ator e testemunha da história cultural do século xx. No ano de sua morte, em 2013, aos 97 anos, mostrava a mesma felicidade e candura dos dezoito por estar numa foto.

HENRI DUTILLEUX, *C.* 1930

1934. Foto de classe do Conservatório Nacional de Música e de Declamação. De bengala no braço e luvas nas mãos, o professor de composição — Henri Büsser — posa entre os alunos. Em todos, a expressão é de orgulho. Só um, o mais novo, tem ar pensativo, ao mesmo tempo afável e sério. Vários dos colegas (Eugène Bozza, Marcel Stern, René Challan, Victor Serventi) ganharão o Primeiro Prêmio de Roma. Nenhum deles terá direito à pompa reservada a Henri Dutilleux (o caçula do grupo), em julho de 1938, na cidade de Douai, após sucesso equivalente no concurso do Institut de France. Ruas enfeitadas, multidão em júbilo, cortejo de mais de um quilômetro e o compositor sentado numa caleche — tendo à frente o prefeito da cidade dos *gayants*[1] — em companhia de seus mestres. Um estadista não teria sido acolhido com mais esplendor. Comparativamente, o rei da Itália, ao visitar em trajes militares os residentes da Académie de France em Roma, teve que se contentar com o protocolo mínimo.

1. Bonecos gigantes, símbolo de Douai.

Ao longo do tempo, os marcos fotográficos da vida agitada do compositor são compostos por grupos mais restritos que os do período estudantil. A pose em quarteto é representada por duas fotos memoráveis. Uma, em março de 1953, em que Dutilleux aparece em companhia dos outros três artífices (Jean Carzou, Jean Anouilh, Roland Petit) de *Le Loup* [O Lobo], balé cuja música ele comporá. A outra, em setembro de 1966, em que o compositor de *Métaboles* [Metáboles] está ao lado de Charles Munch, Seiji Ozawa e Olivier Messiaen, por ocasião da apresentação de sua obra no Festival de Besançon.

DUTILLEUX E ROSTROPOVICH

As décadas seguintes podem ser resumidas numa série de duetos. Seria possível alimentar um volume inteiro com fotos dos encontros entre Henri Dutilleux e o violoncelista e regente Mstislav Rostropovich. Abraços apertados, beijos, efusões apimentadas pelo uso de um inglês macarrônico, Henritchenka para cá e Slava para lá. É nesse clima que nascem o concerto para violoncelo *Tout un Monde Lointain*… [Todo um Mundo Distante…], composto em Aix-en-Provence em 1970, e *Timbres, Espace, Mouvement* [Timbres, Espaço, Movimento], díptico orquestral apresentado pela primeira vez em Washington (onde Rostropovich estava à frente da Sinfônica Nacional), em 1978, com sucesso triunfal.

Em contraposição a esses instantâneos de amizade eruptiva, os retratos da relação — não menos profunda e essencial — entre Henri Dutilleux e Paul Sacher deixam transparecer uma paz benfazeja que não se explica apenas pela nacionalidade helvética do regente-mecenas. Com o mestre de Schönenberg, o compositor de *Mystère de l'Instant* [Mistério do Instante] (obra estreada por Paul Sacher e seu Collegium Musicum Zürich em 1989) sempre tem a sensação de não passar de simples elo da cadeia musical, ao lado de outros "veteranos" que o intérprete suíço já havia defendido: Bartók, Honegger, Stravinsky… Nem mais, nem menos.

Um terceiro duo, por fim, permite abordar Henri Dutilleux na intimidade do ato criativo.

DUTILLEUX E SUA MULHER GENEVIÈVE JOY

É aquele formado de admiração e cumplicidade que o associou durante mais de sessenta anos à mulher Geneviève Joy. Ninguém soube descrever melhor a complementaridade do casal do que Dom Angelico Surchamp, num número da revista *Zodiaque*. Verve e autoridade da pianista diante de "seu" compositor inclinado à elevação e ao mistério.

PIERRE GERVASONI é musicólogo, crítico musical do jornal *Le Monde* e autor de *Henri Dutilleux* (Actes Sud, 2016). Texto publicado no site da Cité de la Musique, em maio de 2015, republicado sob autorização. Tradução de Ivone Benedetti.

DUTILLEUX 100

OBRAS NA TEMPORADA 2016 DA OSESP

MAIO: 12, 13, 14

ISAAC KARABTCHEVSKY regente

EMMANUELE BALDINI violino

HENRI DUTILLEUX

Sur le Même Accord [Sobre o Mesmo Acorde]

– Noturno Para Violino e Orquestra

MAIO: 26, 27, 28

HEINZ HOLLIGER regente

HENRI DUTILLEUX

Métaboles [Metáboles]

JULHO: 7, 8, 9, 10

GIANCARLO GUERRERO regente

CHRISTIAN POLTÉRA violoncelo

HENRI DUTILLEUX

Tout un Monde Lointain... [Todo um Mundo Distante...]

– Concerto para Violoncelo e Orquestra

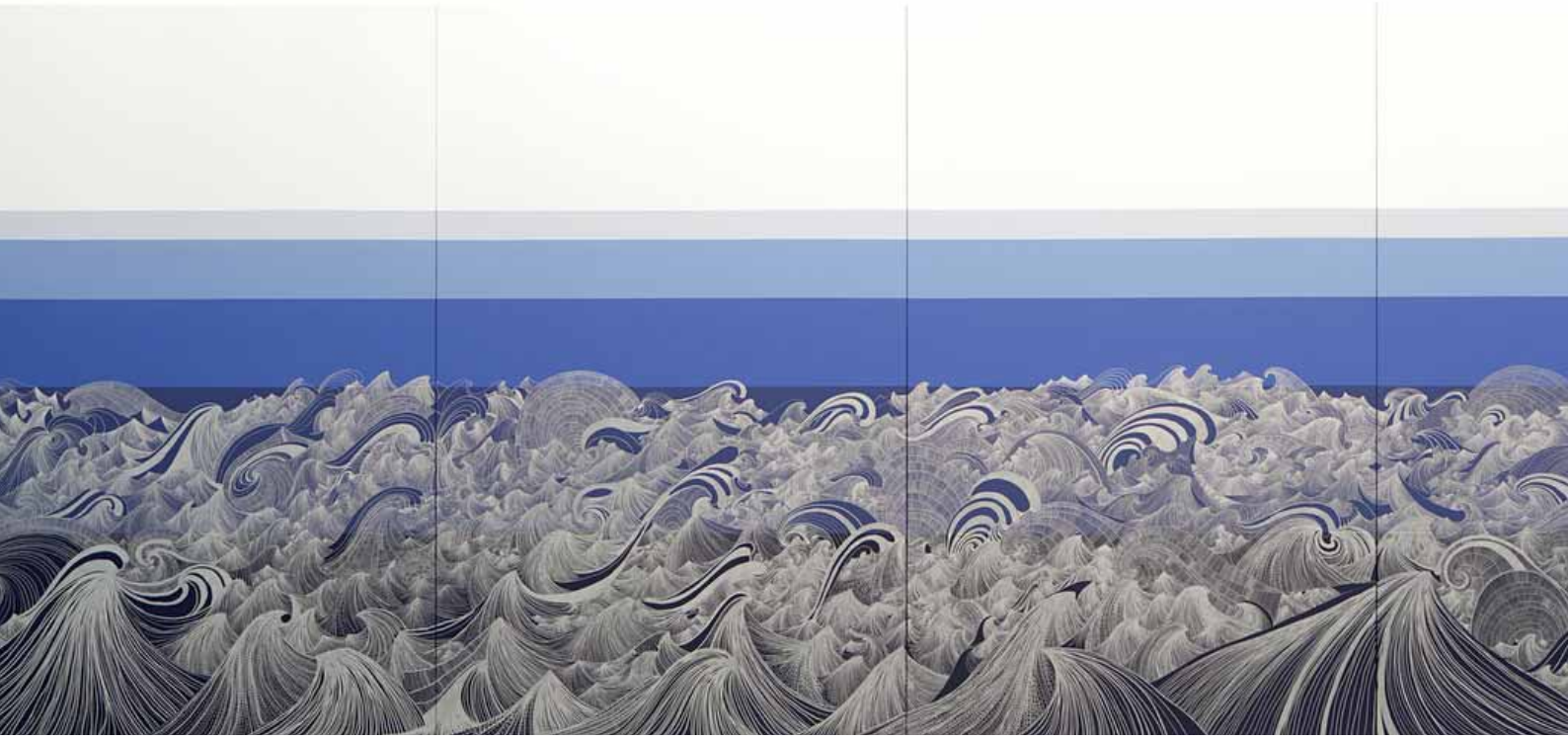
SETEMBRO: 11

QUARTETO OSESP

HENRI DUTILLEUX

Ainsi la Nuit [Assim a Noite]

MAIO



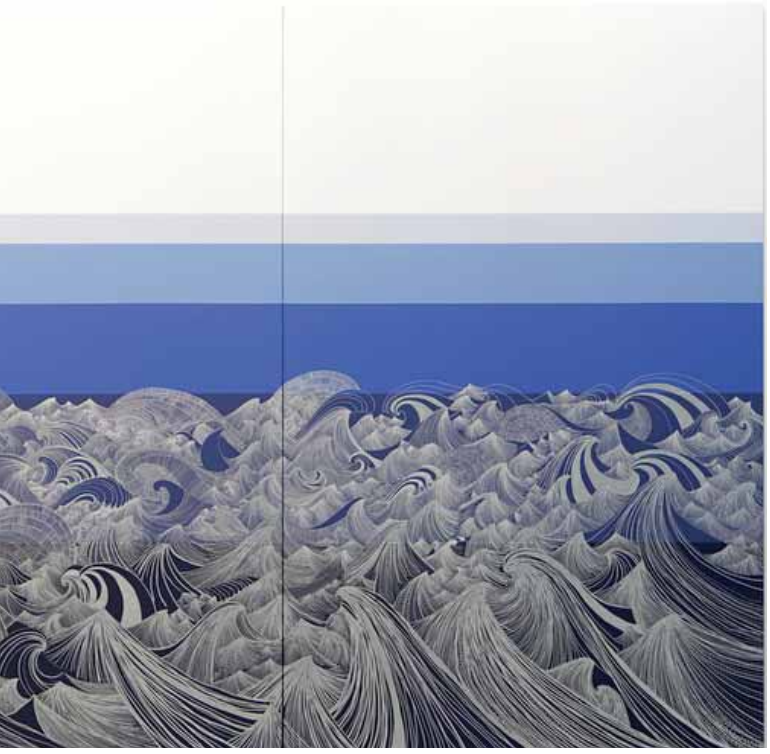
5 QUI 21H JACARANDÁ
6 SEX 21H PEQUIÁ
7 SÁB 16H30 IPÊ

OSESP
JAMES GAFFIGAN REGENTE

GIOACCHINO ROSSINI [1792-1868]
Il Signor Bruschino [O Senhor Bruschino]: Abertura [1813]
5 MIN

FRANZ SCHUBERT [1797-1828] SCHUBERT EM FOCO
Sinfonia nº 3 em Ré Maior, D 200 [1815]
- Adagio Maestoso. Allegro Con Brio
- Allegretto
- Menuetto: Vivace. Trio
- Presto Vivace
26 MIN

SEM TÍTULO (2010), OBRA DE SANDRA CINTO



FRANZ SCHUBERT [1797-1828] SCHUBERT EM FOCO

Rosamunde, D 797: Entreato nº 3 [1823]

8 MIN

LUÍS TINOCO [1969]

O Sotaque Azul Das Águas

[COENCOMENDA SP-LX – NOVA MÚSICA. ESTREIA LATINO-AMERICANA]

13 MIN

GIUSEPPE VERDI [1813-1901]

Macbeth: Música de Balé [1846-7]

10 MIN

A ópera *Il Signor Bruschino* [O Senhor Bruschino] pertence ao ciclo de farsas que Rossini compôs para o Teatro San Moisè, em Veneza. O libreto é de Giuseppe Maria Foppa, que já havia colaborado com o compositor em *L'Inganno Felice* [O Engano Feliz] e *La Scala di Seta* [A Escada de Seda].

Il Signor Bruschino estreou em 1813, provocando escândalo já na "Abertura". Nela, que viria a se tornar a passagem mais tocada da ópera, Rossini explora um recurso percussivo dos violinos, pedindo aos músicos que batam os arcos sobre as cordas. O efeito é original e eficaz, mas causou estranheza à época e contribuiu para o relativo insucesso inicial da obra. A orquestração prevê poucos instrumentos e as melodias são saborosíssimas.

Muitos críticos comparam o talento para melodias de Rossini com o de Mozart, desprezando o italiano por sua suposta superficialidade. Como alerta o musicólogo Carl Dahlhaus — que considera Rossini e Beethoven as duas grandes forças da música do século XIX —, a comparação é infeliz e cria um falso problema. Diz o grande estudioso, que pode ser acusado de tudo menos de italianismo: "A premissa de que a substância da música reside em seu contorno melódico, sendo os ornamentos meros acréscimos ou paráfrases, no mais das vezes não leva a nada quando se trata de Rossini. Com respeito tanto à estrutura quanto à expressão, os contornos da música de Rossini são, na verdade, sua essência."[1]

RICARDO TEPERMAN é doutorando em antropologia social na Universidade de São Paulo e editor da *Revista Osesp*.

1. DAHLHAUS, Carl. *Nineteenth-Century Music*. Berkeley: University of California Press, 1989, p. 60.

As seis primeiras sinfonias de Schubert foram compostas entre 1813 e 1818. Formam um ciclo que pode ser situado na linhagem das sinfonias de Haydn ou de Mozart e que, por sua vez, servirá de inspiração para as sinfonias para cordas compostas no início dos anos 1820 pelo jovem Mendelssohn. As três primeiras só foram estreadas várias décadas depois da morte do compositor, por August Manns, no Crystal Palace de Londres. As três seguintes foram tocadas por uma orquestra de amadores, com Schubert ainda vivo.

A *Sinfonia nº 3*, que estreou em 19 de fevereiro de 1881, foi composta em algumas semanas, de maio a julho de 1815. Começa com um "Adagio Maestoso", em duas seções, sendo que a segunda conta com uma amplitude e um colorido esplêndidos por conta das madeiras. Em seguida, ainda no primeiro movimento, o clarinete lança o primeiro tema, incisivo e irônico, de um "Allegro Con Brio".

Segue-se um "Allegretto", no qual a biógrafa Brigitte Massin vê "um minueto camuflado".[1] Schubert tira proveito da suavidade do timbre do clarinete e de sua capacidade de dialogar com os outros instrumentos de sopro.

O incisivo "Menuetto: Vivace" que vem depois é arejado por um trio em forma de valsa popular, confiado às madeiras. No "Presto Vivace" final, voltamos ao ardor juvenil do primeiro movimento. O motivo principal é dado pelas cordas e pontuado pelos sopros e pelos tímpanos. A música parece acelerar-se cada vez mais e ouvidos atentos reconhecerão o ritmo da tarantela.

Na origem da música de cena escrita por Schubert para *Rosamunde*, estão o desejo obstinado do compositor de se impor no teatro e uma libretista maldita, Helmina von Chézy.

O ano é 1823. Schubert já tinha em seu catálogo cerca de quinze obras líricas (concluídas ou não). Acabara de terminar *Fierrabras*, a pedido do diretor do Theater am Kärntnertor, em Viena, que, paralelamente, encomendara a Weber a partitura de *Eurianto*. Mas a pouca receptividade dessa partitura e a chegada de Rossini a Viena, promessa de sucesso de público retumbante, levaram o diretor do teatro a desistir da apresentação de *Fierrabras*, o que Schubert nunca assimilaria por completo.

Helmina von Chézy, por sua vez, que assinou o libreto de *Eurianto*, é autora de *Rosamunde*, *Princesa de Chipre*, drama romântico que estreou em Viena em 20 de dezembro do mesmo ano de 1823, para o qual Schubert compôs exuberante música de cena. Em *Rosamunde*, há uma princesa criada por marinheiros, misteriosos destroços de navio, um príncipe que vive entre pastores, cartas envenenadas, espíritos, caçadores — um conjunto de personagens e situações semelhante ao de *Der Freischütz* [O Franco-Atirador], de Weber, obra em que Schubert claramente se inspirou.

A música de cena consiste em dez números de duração variável, aos quais o compositor, por falta de tempo, acrescentou a abertura de sua ópera *Alfonso e Estrella*, de 1822 [que a Osesp interpreta em junho]. À parte a qualidade musical, o conjunto passa a impressão de menor fragmentação do que *Manfred*, de Schumann. Também oferece uma riqueza de ideias que não se encontra em *Sonho de Uma Noite de Verão*, de Mendelssohn, obra-prima com a qual não é injusto comparar *Rosamunde*. As partes vocais não são as mais desenvolvidas (uma romança, um coro dos espíritos, um coro dos pastores, um coro dos caçadores) e o que mais seduz são os entreatos. O terceiro, em especial, é uma página de inefável doçura, que oscila da efusão à melancolia.

CHRISTIAN WASSELIN é colaborador da revista *Ópera* e da Radio France, além de autor dos livros *Berlioz: Les Deux Ailes de l'Âme* (Gallimard, 1989), *Berlioz ou le Voyage d'Orphée* (Rocher, 2003) e *Clara, le Soleil Noir de Robert Schumann* (Scali, 2007). Tradução de Ivone Benedetti.

1. Massin, Brigitte. *Franz Schubert*. Paris: Fayard, 1993.

LUÍS TINOCO

O *Sotaque Azul Das Águas* nasceu de um desafio conjunto de duas orquestras separadas por um oceano e unidas por uma língua comum. Não pretende estabelecer qualquer relação direta com acontecimentos históricos — mais ou menos distantes no tempo — ou com fontes de inspiração geográfica, visual, musical etc. Meu primeiro impulso foi revisitar a poesia do brasileiro Manoel de Barros. Não deixa de ser curioso observar que Aylton Escobar — primeiro compositor a escrever para este projeto da Osesp e da Orquestra Gulbenkian[1] — tenha encontrado a sua inspiração nesta margem ocidental do Atlântico, através dos escritos de Fernando Pessoa. Foi também na língua que partilhamos (apesar das suas diferentes tonalidades e sotaques) que, olhando agora do outro lado do mar, encontrei o meu estímulo para compor.

1. Em abril de 2015, a peça *A Rua dos Douradores — Litania da Desesperança*, de Aylton Escobar, foi estreada pela Osesp e pelo Coro da Osesp, regidos por Osmo Vänskä. Meses depois, a obra foi interpretada na capital portuguesa pela Orquestra e Coro Gulbenkian.

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem
sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.

MANOEL DE BARROS, *Compêndio Para Uso Dos Pássaros* (Leya, 2010).

A relação com estes versos de Manoel de Barros não é literal. E a partitura não procura, de todo, seguir as ideias ou reproduzir a estrutura do poema. De certo modo, a ligação nasce e termina no momento inicial, ou seja, no impacto causado pela beleza de uma imagem que nos transporta para uma cor e suas cambiantes (de um azul escuro e profundo a outros matizes mais claros e luminosos).

Para além das propriedades intrínsecas a cada composição, as circunstâncias que envolvem os seus vários momentos, desde o início da escrita até sua estreia, podem revelar algumas felizes coincidências. Já aqui referi a associação de Pessoa na partitura de Escobar e de Barros, de modo menos direto, em *O Sotaque Azul Das Águas*. Acrescento também a coincidência de esta última ter tido a sua primeira audição em Lisboa, num concerto cujo programa incluía *La Mer*, de Claude Debussy, uma obra maravilhosa sobre um mar que nos revela outros sotaques.

Como nota final, dedico esta peça a Alrun e Ben Almeida Faria, dois queridos amigos que são também dois apaixonados e profundos conhecedores da nossa língua, nas suas diferentes cores e sotaques.

LUÍS TINOCO

Espaço privilegiado da fantasia e da imaginação, das artes e dos sortilégios, o palco do teatro — ou da sala de concertos — guarda estranha semelhança com os lugares consagrados escolhidos pelas criaturas encantadas para realizar suas cerimônias, como as torres dos magos ou as cavernas das bruxas. Trata-se de solo mágico, onde, por meio de um ritual — de uma performance ensaiada —, a realidade transfigura-se. Tanto Shakespeare quanto Verdi, exímios feiticeiros, deram-se conta disso, e, em *Macbeth*, transformaram essa semelhança no eixo ao redor do qual se estruturam a peça do primeiro e a ópera do segundo.

A datação das peças de Shakespeare (1564-1616) é assunto muitas vezes controverso. No caso de *Macbeth*, muitos estudiosos concordam que a sua primeira encenação teria sido em 1606, em Londres, ainda sob o impacto das celebrações pelo coroamento do rei James VI da Escócia como James I da Inglaterra. Isso explica a decisão do autor de escrever uma *Scottish play* [peça escocesa] (até hoje, é comum atores e diretores referirem-se assim à peça, por medo de, ao pronunciar o seu verdadeiro nome, atrair para si a má sina do personagem-título), que heroicizava um suposto antepassado do novo monarca. Além disso, a peça explorava um dos principais temas de interesse de James, que se orgulhava do seu conhecimento sobre bruxaria e satanismo, tendo inclusive escrito um livro, *Daemonologie* (1597), em que afirma a existência real das bruxas, defendendo em seguida o extermínio imediato delas. Aos 42 anos, Shakespeare já era então um autor experiente e reconhecido em seu meio; no auge da carreira de dramaturgo, produziu em cerca de uma década suas cinco "grandes tragédias" — além de *Macbeth*, *Romeu e Julieta* (1597), *Hamlet* (1601), *Otelo* (1604) e *Rei Lear* (1606) —, e *Antônio e Cleópatra* surgiria ainda em 1606.

Dessas tragédias, *Macbeth* é a mais curta e a em que há maior unidade de tempo, local e ação — o que constitui um imenso facilitador, diga-se de passagem, para o trabalho de adaptação. É também uma das mais concisas em relação à concepção das personagens: toda a ação se desenvolve a partir do discurso de Macbeth, de sua mulher, Lady Macbeth, e das bruxas, que, apesar de serem três, funcionam como uma úni-

ca personagem. Esses são os únicos personagens dotados de subjetividade, os que possuem um mundo interior. Todos os outros revelam-se meros arautos do real, que confrontam os protagonistas com questões objetivas do mundo externo. Verdi, no seu *Macbeth*, não apenas reproduz essa característica da peça como a acentua, criando uma ópera em que, a contrapelo das regras do gênero, não há antagonista. O confronto (e o consequente desenlace trágico) se dá unicamente entre o casal Macbeth e as suas próprias visões, que lhes aparecem mediadas pelas bruxas.

De fato, as visões de tal modo estruturam a trama de *Macbeth* que o crítico Harold Bloom chega a propor a categoria de "tragédia visionária" para a peça: "Macbeth é um profeta involuntário, quase um médium, extremamente vulnerável aos espíritos da noite. Lady Macbeth, de início mais arrojada do que o marido, entra em declínio por motivos de ordem visionária. O potencial dos Macbeth é tão sublime — sendo eles as figuras do ardor erótico que são — que as suas ambições políticas e dinásticas parecem estar, grotescamente, aquém do seu desejo mútuo".[1] Claro está que o caráter visionário da peça não diz respeito unicamente à dimensão mística; a psicanálise revela o quanto os "espíritos da noite" que assombram o sujeito não são outra coisa senão os seus próprios fantasmas internos — e vale lembrar que Freud foi um fino leitor de Shakespeare, e de *Macbeth* em especial.

Se a bruxaria e o satanismo eram temas candentes na Inglaterra de Shakespeare, não o eram menos na Itália de Verdi, ainda que sob diferentes máscaras — em particular a de Fausto, que com seu solipsismo radical falou alto à sensibilidade romântica. No início dos anos 1840, Florença assistiu à *première* italiana de duas óperas estrangeiras cujos enredos tratavam de personagens diabólicos: *Robert le Diable*, de Meyerbeer, e *Der Freischütz* [O Franco-Atirador], de Weber. Assim, quando o Teatro della Pergola, principal palco lírico da Florença oitocentista, encomendou uma ópera a Verdi em 1847, o compositor julgou oportuno buscar inspiração numa obra literária que de algum modo lidasse com o tema. Duas peças lhe pareceram particularmente interessantes e disputavam a sua preferência: *Die Ahnfrau* [A Antepassada], do austríaco Franz Grillparzer, e o *Macbeth* de Shakespeare. Curiosamente, a decisão final deveu-se a uma razão de ordem inteiramente prática: a primeira peça demandava um bom tenor e a segunda, um bom barítono; como a companhia do *impresario* Alessandro Lanari, do Pergola, tinha à disposição somente um barítono, a escolha recaiu sobre a obra do bardo inglês.

Assim como Shakespeare, Giuseppe Verdi não era iniciante quando se viu diante do desafio de criar o seu *Macbeth*. Aos 33 anos, havia chamado a atenção do mundo operístico com sucessos como *Nabucco* (1842) e *Ernani* (1844). Contudo, ainda estava longe de ser o compositor universalmente consagrado que viria a se tornar mais tarde. Para a elaboração do libreto, convidou Francesco Maria Piave, com quem já havia trabalhado antes em *Ernani*, *I Due Foscari* [Os Dois Foscaris] e *Attila*, e com quem ainda haveria de trabalhar em muitas outras óperas. A despeito da confiança que depositava em Piave, Verdi interveio intensamente no libreto de *Macbeth*, sendo ele mesmo o responsável pela divisão das cenas. O resultado do trabalho agradou tanto o público quanto o próprio compositor, que em mais de uma ocasião declarou ser aquela, entre todas as suas criações, uma das que mais o deixara satisfeito.

Foi com alegria, portanto, que Verdi recebeu, quase vinte anos depois, em 1865, o convite do Théâtre Lyrique de Paris para apresentar ali uma versão revista do seu *Macbeth*. Nessa segunda versão, definitiva, o compositor substituiu algumas das antigas árias por novas; fez diversas pequenas modificações na partitura da orquestra, em momentos importantes da ação, acentuando o seu caráter dramático; e introduziu, no início do terceiro ato, um número de balé. Esta talvez tenha sido a alteração mais significativa feita por Verdi para adequar seu *Macbeth* ao gosto do público parisiense,

1. Bloom, Harold. *Shakespeare: a Invenção do Humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 638. Tradução de José Roberto O'Shea.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

ROSSINI

OVERTURES

Philharmonia Orchestra

Carlo Maria Giulini, regente

EMI, 1990

SCHUBERT

SYMPHONIEN Nos. 3 & 8

Wiener Philharmoniker

Carlos Kleiber, regente

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1997

COMPLETE SYMPHONIES

Les Musiciens du Louvre Grenoble

Marc Minkowski, regente

NAÏVE, 2012

ROSAMUNDE

Vienna Philharmonic Orchestra

Vienna State Opera Chorus

Karl Munchinger, regente

DECCA, 2005

VERDI

MACBETH

New Philharmonia Orchestra

Ambrosian Opera Chorus

Riccardo Muti, regente

Sherrill Milnes, barítono

Fiorenza Cossotto, mezzo soprano

José Carreras, tenor

Ruggero Raimondi, baixo

Giuliano Bernardi, tenor

WARNER CLASSICS, 2012

educado na tradição da *grand opéra*, da qual a riqueza cênica e a montagem espetacular eram características essenciais. Situado aproximadamente na metade da duração da ópera, o balé oferecia não apenas um momento de distração para a audiência, mas também a oportunidade para uma refeição breve. Embora o balé fosse, inicialmente, uma sugestão externa, Verdi logo a abraçou, tornando-o parte integrante e fundamental da ópera.

O terceiro ato de *Macbeth* começa de modo semelhante ao primeiro, na caverna das bruxas, que cantam em coro enquanto mexem seu caldeirão. Como no primeiro ato, Macbeth em breve adentrará a cena e ouvirá, pela segunda vez, predições sobre seu futuro — mais enigmáticas e soturnas que as primeiras. Desta vez, no entanto, antes da entrada em cena de Macbeth, as bruxas evocam a presença de Hécate, o espírito da noite, e o fazem por meio de uma dança. O *ballabile* — a música para o balé, que se estende por aproximadamente dez minutos — é, ao lado da abertura, o único momento da ópera em que a música tem vida independente da palavra, em que não está a serviço da linearidade narrativa e pode, justamente por isso, ser expressiva da obra como um todo. Tudo é dito, ainda que sem palavras; todo o complexo de sentimentos e sensações evocado pela trama está ali, condensado. Alternam-se momentos dramáticos, como o primeiro, protagonizado por um ágil trombone, e líricos, como o do belo solo de fagote; de expectativa, em que a percussão parece conjurar algo, ou antecipar algo terrível que está prestes a acontecer; e de sublimidade, quando a orquestra inteira cresce, cordas à frente, como se quisesse alcançar o mundo etéreo, mais que humano.

Se a cena para a qual o *ballabile* foi composto é a da conjuração de uma criatura sobrenatural, que reina sobre as sombras, a música que Verdi compôs para ela surte o mesmo efeito: evoca o que há de sombrio fora e dentro dos homens, suas paixões mais profundas, seus ódios mais viscerais, sua glória e derrota. No coração da ópera, no seu momento mais transcendente, a voz humana silencia-se e deixa a orquestra falar, sozinha, a linguagem das estrelas. A caverna das bruxas cresce para além do palco, e todos no teatro são convidados a, mãos dadas a Macbeth, dançar com as próprias sombras.

MARCELO DIEGO é doutorando no Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Princeton.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

MATINAIS

VENHA ASSISTIR À **OSESP** E ORQUESTRAS PARCEIRAS NA SALA SÃO PAULO.

ENTRADA GRATUITA

AOS DOMINGOS, **11H**

osesp.art.br

A Série de Concertos Matinais recebe o público das instituições convidadas:

AACD vida é movimento · Projeto Guri · Casa Hope Apoio à Criança com Câncer · Fundação Abrinq · Save the Children · Fundação Gol de Letra · instituto baccarelli · Laramara · Pastoral da Criança CNBB · Santa Marcelina · Guri · Emesp Tom Jobim

APOIO

Lei de Incentivo à Cultura · Sala São Paulo · BancoVotorantim

REALIZAÇÃO

Organização Social de Cultura Fundação OSESP · Governo do Estado São Paulo Secretaria da Cultura · Ministério da Cultura · Governo Federal Brasil Pátria Educadora

SUGESTÕES DE LEITURA

Stendhal

VIDA DE ROSSINI

COMPANHIA DAS LETRAS, 1995

Richard Osborne

ROSSINI

OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2007

Brigitte Massin

FRANZ SCHUBERT

FAYARD, 1993

Elizabeth Norman McKay

FRANZ SCHUBERT: A BIOGRAPHY

OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1998

Julian Budden

VERDI

OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2008

Andrew Porter e David Ronsen

VERDI'S MACBETH: A SOURCEBOOK

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1984

INTERNET

FRANZSCHUBERT.ORG.UK

TINOCOLUIS.COM

JAMES GAFFIGAN REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2010

Nascido em Nova York, James Gaffigan estudou na Juilliard School, em sua cidade natal, no New England Conservatory, em Boston, e na Shepherd School of Music da Rice University, em Houston. É regente titular da Orquestra Sinfônica de Lucerna e regente convidado da Orquestra Filarmônica da Rádio Holandesa. Já esteve à frente das orquestras de Paris, Stuttgart e BBC, das filarmônicas de Munique, Londres, Dresden, Oslo, Roterdã, Los Angeles e das sinfônicas de Viena, Alemã de Berlim, da Cidade de Birmingham, Chicago, São Francisco, Detroit, Houston e Baltimore, além da própria Osesp. Também trabalhou com a Ópera de Viena nas montagens de *Don Giovanni*, de Mozart, e *La Bohème*, de Puccini.

SÉRIE OSESP
PERSONNALITÉ
2016
Itaú
PERSONNALITÉ
Uma experiência única que desperta você para muitas outras.
DPZ&T
OSESP
Quando a música toca, inspira.
E, quando inspira, transforma.
Música é um convite a viver
novas experiências. Ouça,
inspire-se, imagine, transforme.
Itaú Personnalité apresenta:
Série Osesp Personnalité 2016,
Estado de Escuta.
Estacionamento gratuito
e lounge com degustações especiais
para clientes Personnalité.
itaupersonnalite.com.br/experiencia
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

10 TER 21H RECITAIS OSESP

FAZIL SAY PIANO

MODEST MUSSORGSKY [1839-81]

Quadros de Uma Exposição [1874]

- Promenade [Caminhada]
- Nº 1: Gnomo
- Promenade [Caminhada]
- Nº 2: O Castelo Antigo
- Promenade [Caminhada]
- Nº 3: Tulherias
- Nº 4: Carro de Bois
- Promenade [Caminhada]
- Nº 5: Balé Dos Pintinhos em Suas Cascas de Ovos
- Nº 6: Samuel Goldenberg e Schmuyle
- Promenade [Caminhada]
- Nº 7: O Mercado em Limoges
- Nº 8: Catacumbas, Sepulcro Romano
- Nº 9: Com os Mortos em Língua Morta
- Nº 10: A Cabana de Baba-Yaga Sobre Patas de Galinha
- Nº 11: A Grande Porta de Kiev

35 MIN

WOLFGANG A. MOZART [1756-91]

Sonata nº 11 Para Piano em Lá Maior, KV 331
— Alla Turca [1783]

- Tema e Variações: Andante Grazioso
- Minueto. Trio
- Rondó: Alla Turca

23 MIN

FAZIL SAY [1970]

Gezi Park 2 — Sonata Para Piano, Op.52 [2014]

- Noites de Resistência Nas Ruas de Istambul
- O Silêncio da Nuvem de Gás
- Sobre o Assassinato da Criança Inocente Berkin Elvan
- A Esperança Está Sempre em Nossos Corações

19 MIN

PISTAS (2015), OBRA DO ARTISTA TURCO SERVET KOÇYIGIT

A *Sonata nº 11* é uma das obras mais difundidas de Mozart, a julgar pelas reproduções do rondó final, a chamada "marcha turca", que recebeu versões até em *heavy metal*. Fruto da atração que a música militar turca exerceu sobre a corte vienense de fins do século XVIII, a *Sonata* é contemporânea da ópera *O Rapto do Serralho*, estreada em 1782, e na qual se ouve o mesmo estilo turco, acentuado pela percussão, que Mozart imita ao teclado com a mão esquerda.

Mas a *Sonata nº 11* tem outros atrativos, não segue o modelo esperado numa sonata clássica. Confirma a convicção dos musicólogos de que, ao contrário da crença geral, não se deve tomar o classicismo como rigidez formal, mas entender "forma" como um conjunto de procedimentos e abordar cada obra como um resultado e não confirmação de um molde.

No primeiro movimento, em lugar de um *allegro* com dois temas contrastantes, há um único tema e seis variações. Nelas, Mozart explora diferentes desenhos rítmico-melódicos, tendo em mira as possibilidades técnicas e sonoras do teclado, experimentando toques, articulações e contrastes dinâmicos. Jogo de mãos alternadas na primeira variação, figurações rítmicas que migram de uma mão à outra na segunda, repetições oitavadas na terceira, cruzamento de mãos na quarta, o *páthos* quase melancólico da quinta, em adágio, e a agitação final da sexta, em *allegro*. Em suma, um breve catálogo desse misto de agilidade e delicadeza que compõe o estilo de Mozart. Subentende-se aí o habilidoso improvisador e ainda uma peça plenamente identificada ao instrumento, o que justifica sua permanência no repertório pianístico.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

MUSSORGSKY

PICTURES AT AN EXHIBITION

Evgeny Kissin, piano

RCA, 2002

Sviatoslav Richter, piano

POLYGRAM, 1990

MOZART

PIANO SONATAS

Daniel-Ben Pienaar, piano

AVIE, 2011

THE PIANO SONATAS

Mitsuko Uchida, piano

PHILIPS, 2003

PIANO SONATAS & VARIATIONS

Fazil Say, piano

WARNER, 1998

SAY

SAY PLAYS SAY

Fazil Say, piano

NAÏVE, 2014

DVD

FAZIL SAY: ALLA TURCA

Fazil Say, piano

ARTHAUS, 2008

Também *Quadros de Uma Exposição* é dessas obras que se pode conhecer por outros meios: da versão orquestral de Ravel ao *rock* progressivo de Emerson, Lake & Palmer. O título dessa suíte de 1874 refere-se de fato a uma exposição, dedicada ao pintor Viktor Hartmann, amigo de Mussorgsky, que falecera um ano antes. Mais descritiva que sinestésica, a partitura para piano traduz cenários e personagens valendo-se do instrumento, que por si só já é uma orquestra. Caberia, como já se falou, a Ravel amplificar o colorido do original.

"Pitoresca" seria um termo apropriado para uma obra que propõe recriar em sons as impressões causadas por uma sequência de esboços e aquarelas. Cor local, riqueza de ritmos e timbres, rusticidade no emprego de escalas tradicionais, são alguns atrativos que franceses como Debussy descobririam na obra do nacionalista e intuitivo compositor russo. As trocas culturais entre Rússia e França eram parte da aliança estratégica contra o império alemão e sua hegemonia sobre os conservatórios de toda a Europa.

Uma chave político-ideológica pode estar na reiteração do movimento "Promenade" [Caminhada], intercalado aos quadros, representando o caminhar de um visitante da exposição. Escritos *nel modo russico* [à maneira russa], como diz a partitura, esses interlúdios são, segundo o compositor, seu autorretrato. Significativamente, o tema retornará majestoso, com traços religiosos, no final apoteótico que descreve o Grande Portão de Kiev, projeto arquitetônico de Hartmann concebido para celebrar a vida do tsar, que escapara de um atentado naquela cidade.

AVELINO ROMERO é professor de história da música da UniRio e pianista.

NÃO PERCA A ESTREIA EM AGOSTO DE *QUADROS DA PINACOTECA*, ENCOMENDA DA OSESP A ROBERTO SION, PARA QUINTETO DE FAGOTES.

Esta sonata para piano solo é a segunda de três partes de uma obra que relata os eventos ocorridos no Parque Gezi, em Istambul. A primeira peça, *Concerto Para Dois Pianos e Orquestra*, narra os dias no fim de maio de 2013 e tem como tema principal o ataque da polícia contra um grupo de pessoas que tentava proteger o Parque e o meio ambiente.

A segunda se concentra nos dias 31 de maio, 1 e 2 de junho de 2013, quando os vários confrontos e a forte resistência davam a impressão de que uma guerra civil irromperia. O Parque Gezi e a praça Taksim foram tomados por milhões de pessoas e teve início um grande conflito entre a polícia — a mando do então primeiro-ministro e hoje presidente Recep Erdogan — e o povo. Os *slogans* entoados e o espírito daqueles dias estão refletidos em *Gezi Park 2*. Exploro esses eventos por meio da música.

O terceiro movimento se refere à morte de Berkin Elvan, jovem inocente de quatorze anos que foi baleado pela polícia quando estava a caminho de uma padaria. Ele ficou 263 dias em coma e morreu em 11 de março de 2014. O garoto pesava apenas 16 kg ao falecer. O enterro em Istambul foi acompanhando por 500 mil pessoas.

FAZIL SAY. Tradução de Jayme da Costa Pinto.

SUGESTÕES DE LEITURA

Simon P. Keefe (ed.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO MOZART
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003

Stephen Walsh
MUSORGSKY AND HIS CIRCLE: A RUSSIAN MUSICAL ADVENTURE
KNOPF, 2013

INTERNET

MOZARTPROJECT.ORG
FAZILSAY.COM

FAZIL SAY PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Ancara, na Turquia, o pianista e compositor Fazil Say estudou no conservatório de sua cidade natal, com Mithat Fenmen, e no Conservatório de Dortmund, na Alemanha. Já se apresentou com as orquestras Real do Concertgebouw de Amsterdã, Nacional da França, as filarmônicas de Nova York, Israel e São Petersburgo e as sinfônicas de Baltimore e Viena, entre muitas outras. Como compositor, teve obras encomendadas pelos festivais de Salzburgo e Mecklenburg-Vorpommern, e foi artista residente nos festivais de Schleswig-Holstein, Bremen e Merano, na Elbphilharmonie (Hamburgo), no Théâtre des Champs Élysées (Paris), na Radio France e nas Konzerthaus de Berlim e Dortmund. Lançou vários CDs por selos como Naïve e Avex.

A harmonia da música nos inspira.

O mercado também é uma orquestra.
Dá o tom e cria o ritmo do sobe e desce dos negócios gerados a cada milissegundo.

A integração entre músicos e instrumentos soa com perfeição.
E inspira a Bolsa na busca por novas possibilidades de negócios para oferecermos aos nossos clientes.
Para nós, eles são a nossa melhor plateia.

A Bolsa, como maestro, autorregula o mercado para acompanhar o ritmo das informações.
E contribui para a harmonia do espetáculo.

BM&FBOVESPA e Osesp, desenvolvendo a sociedade, o mercado e o País.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

Temporada **2016**

facebook.com/bolsapravoce @bmfbovespa linkedin.com.br/company/bm&fbovespa

BM&FBOVESPA
A Nova Bolsa

ESCADARIA DO EDIFÍCIO SOBRE AS ONDAS, FOTO DE ALICE BRILL, 1954 (ACERVO IMS)

12 QUI 21H CEDRO
13 SEX 21H ARAUCÁRIA
14 SÁB 16H30 MOGNO

OSESP
ISAAC KARABTCHEVSKY REGENTE
EMMANUELE BALDINI VIOLINO
FAZIL SAY PIANO

DUTILLEUX 100

HENRI DUTILLEUX [1916-2013]
Sur le Même Accord [Sobre o Mesmo Acorde] — Noturno Para Violino e Orquestra [2002]
9 MIN

WOLFGANG A. MOZART [1756-91]
Concerto nº 21 Para Piano em Dó Maior, KV 467 [1785]
- Allegro Maestoso
- Andante (Alla Breve)
- Allegro Vivace Assai
28 MIN

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]
Sinfonia nº 1 — O Imprevisto [1916]
23 MIN

Tal como ocorre com a maioria das obras de Dutilleux, *Sur le Même Accord* [Sobre o Mesmo Acorde] passou por longa gestação e foi terminada pouco mais de quinze anos depois de sua encomenda por Anne-Sophie Mutter. No entanto, a partitura dura apenas nove minutos. O compositor aceitou o desafio quando estava terminando seu concerto para violino *L'Arbre Des Songes* [A Árvore Dos Sonhos] (1979-85). Sempre preocupado em renovar-se, Dutilleux queria inventar outra forma, outra relação entre o solista e a orquestra.

Sur le Même Accord começa com uma introdução que conduz a uma alternância entre as seções rápidas e lentas. Dutilleux, que em geral escolhe títulos sugestivos, dessa vez anuncia uma ideia composicional. Toda a peça está baseada num acorde de seis notas que serão distribuídas entre diferentes grupos instrumentais e transformadas por variações sucessivas. Algo que lembra seu prelúdio para piano, de 1977, com título quase idêntico: *Sur un Même Accord* [Sobre um Mesmo Acorde].

Indicar que a obra se alimenta de um único acorde também põe em evidência seu caráter obsessivo. Pois, apesar de suas múltiplas metamorfoses, o elemento gerador continua perceptível, tal como uma ideia fixa profundamente entranhada na memória, que vai evoluindo como um devaneio. De fato, *Sur le Même Accord* concentra alguns feixes essenciais do universo de Dutilleux. Faz pensar em "Obsessionnel" [Obsessivo], terceiro movimento de *Métaboles* [Metáboles] (1962-4) [que será tocada pela Osesp dias 26-27-28 de maio, ver abaixo, p.36]; no primeiro e no último movimentos da *Sinfonia nº 1* (1951), baseados em técnicas de variação. Por outro lado, o subtítulo — *Noturno Para Violino e Orquestra* — lembra o quarteto de cordas *Ainsi la Nuit* [Assim a Noite] [que o Quarteto Osesp interpreta em 11 de setembro] e *Timbres, Espace, Mouvement* [Timbres, Espaço, Movimento] (1978), obra orquestral também intitulada *La Nuit Étoilée* [A Noite Estrelada], como referência ao quadro de Van Gogh. À franqueza das paisagens diurnas, Dutilleux prefere o mistério de um céu constelado de astros cintilantes, com seus timbres e suas harmonias. Um mundo propício às associações de ideias cuja coerência se furta à consciência, favorecendo o devaneio em que se enraíza a árvore de nossos sonhos.

HÉLÈNE CAO é professora de história da música e análise no Conservatório Municipal de Paris (13ème) e autora de *Debussy* (Jean-Paul Gisserot, 2001), *Thomas Adès le Voyageur* (MF, 2007), entre outros livros. Texto publicado pela Philarmonie de Paris, em janeiro de 2015, republicado sob autorização. Tradução de Ivone Benedetti.

Em 1967, o cineasta sueco Bo Widerberg lançou *Elvira Madigan*, filme de grande sucesso que relatava a trágica história de amor e de morte de uma jovem equilibrista. Na trilha sonora, destaque para o "Andante" do *Concerto nº 21 Para Piano*, KV 467, que desde então passou muitas vezes a ser associado ao nome da personagem principal. As novas gerações pouco se lembram do filme ou da equilibrista, mas o *Concerto* de Mozart continua perenemente vivo, intenso e comovedor.

Sem dúvida, há neste *Concerto* uma nobre melancolia, uma profundidade de sentimentos e uma grandeza que falam ao homem de hoje com a mesma força que tinha em 1785, quando foi terminado. Mozart se estabelecera em Viena em 1781 e, ao procurar sua subsistência fora dos patronatos de corte, investiu na carreira de intérprete e compositor. Seu sucesso dependia de uma reputação sólida em ambas as atividades. Não é de estranhar, portanto, que sua obra contenha tantos concertos para piano em que a escrita é cuidadosamente planejada para exibir ao público as melhores qualidades do solista. Dos vários concertos desse período, o *nº 21* é provavelmente o mais famoso e, sem dúvida, um dos que mais exige apuro técnico do pianista.

O primeiro movimento abre com uma dose de humor e elegância: o tema delicado, *sotto voce*, quase galhofeiro, parece retratar uma conspiração nas cordas, sendo imediatamente completado pela orquestra com os metais e tímpanos desfraldados, alternando mistério, lirismo e exuberância em doses iguais. A entrada do solista é retardada ao máximo, enquanto os sopros e as cordas brincam com os temas despreocupadamente. O clima irreverente é mantido pelo piano, que entra sorrateiro para participar da diversão.

O famoso, belo e intimista "Andante (Alla Breve)" que se segue desenvolve uma longa melodia em surdina, sobre uma camada de quiálteras[1] fluidas. A ideia chega a ser óbvia, mas o resultado é de um impacto emocional difícil de racionalizar. A simplicidade do recurso; o lirismo do tema, permeado de suspiros; a instabilidade tonal, que reflete uma busca constante por equilíbrio; a aparente tranquilidade, que esconde uma angústia prestes a eclodir; tudo contribui para um efeito de encantadora desolação.

Depois de tanta introspecção, o rondó final — "Allegro Vivace Assai" — traz um bem-vindo sopro de otimismo. Seus contornos esfuziantes, em que o piano repete e elabora o tema exposto pela orquestra com a mesma graça e entusiasmo, deixam por vezes entrever uma ponta de nostalgia, mas esta se mantém discreta e suficientemente controlada para não contaminar a sensação de irrefreável felicidade reinante.

LAURA RÓNAI é flautista, professora na UniRio e autora de *Em Busca de um Mundo Perdido: Métodos de Flauta do Barroco ao Século XX* (Topbooks, 2008).

A composição da *Sinfonia nº 1*, em 1916, não foi um salto maior que a perna para Villa-Lobos, nem um surto de elefantíase criativa com o propósito de conquistar à força o cenário de concertos do Rio de Janeiro da década de 1910. Ela é um primeiro teste da sua capacidade de conceber uma obra sinfônica que se encaixe numa tradição centro-europeia. Veio na esteira de uma série de sinfonias brasileiras, criadas a partir de 1880, que, de forma alguma, foram concebidas por seus compositores como uma tentativa de se criar uma sinfonia "nacional".

A primeira sinfonia composta em solo brasileiro por um compositor de renome foi, provavelmente, a *Sinfonia Fúnebre* (1790) do Padre José Maurício Nunes Garcia. Na verdade, trata-se de uma espécie de abertura num só movimento que não parece ter tido sucessores imediatos, num século dominado pela música sacra e pela ópera. Mais significativas — pelo menos para Villa-Lobos — parecem ter sido a *Sinfonia em Si Bemol* (1882), de Leopoldo Miguez, a *Sinfonia em Mi Menor* (1888), de Alexandre Levy, a *Sinfonia em Sol Menor* (1893), de Alberto Nepomuceno — uma obra de forte sotaque germânico, muito provavelmente a maior obra sinfônica brasileira do século XIX —, e, sobretudo, a *Sinfonia* (1910), de Henrique Oswald, obra que Villa-Lobos admirava e chegou a reger.

Nepomuceno e Oswald, tanto como compositores quanto em sua atividade pedagógica e institucional, foram figuras dominantes na juventude de Villa-Lobos. Oswald dirigiu o Instituto Nacional de Música de 1912 a 1931, período em que gozou de extraordinário prestígio no meio musical; Villa-Lobos chamou-o de "nosso mais admirável compositor". Sua *Sinfonia* só foi estreada em 1918 (algumas fontes dizem 1917), cerca de um ano antes da estreia da *Sinfonia nº 1* de Villa-Lobos. Por isso, há dúvidas sobre a interseção das duas obras: teria Villa-Lobos conhecido em primeira mão a peça de Oswald antes de compor sua *Sinfonia nº 1*? O que podemos afirmar é que era corrente no cenário musical brasileiro da década de 1910 o modelo francês; e Villa-Lobos, ao adotá-lo em suas primeiras sinfonias, apresenta-se assim como um *enfant du siècle*.

Se a obra de Oswald é frequentemente comparada à de Fauré, outro binômio que aparece frequentemente na historiografia, e que ainda não foi estudado de maneira mais aprofundada, é o de Villa-Lobos e Vincent d'Indy (1851-1931). A obra de D'Indy é hoje praticamente ignorada, mas seu *Cours de Composition Musicale*, publicado em 1912, aparentemente foi a base do estudo de composição de Villa-Lobos. O curso de D'Indy é considerado uma defesa dos valores germânicos e da forma cíclica — um processo formal em que os mesmos temas retornam remodelados ao longo de todos os movimentos de uma obra. Esse modelo formal foi adotado por um desenvolto Villa-Lobos em várias obras da mocidade, como no *Trio nº 3* (1918), na *Sinfonia nº 2* (1917-44) e, de forma mais flexível, nas sinfonias *nº 3* e *nº 4*, de 1919, mas é praticamente ausente da produção madura, inclusive das sinfonias a partir da *nº 6*.

1. Subdivisão de um tempo em mais ou menos partes do que normalmente (em grupos de três, cinco ou seis, por exemplo). [N.E.]

Entretanto, essa proposta formal é uma parte mínima de um tratado de teoria musical muito interessante. Ferrenho conservador, tanto na música quanto na política, Vincent d'Indy fundou em 1894 a Schola Cantorum, para promover o retorno ao estudo escolástico do contraponto renascentista que, segundo ele, havia sido esquecido pelo Conservatório de Paris. O *Cours de Composition Musicale* contém um estudo ordenado dos elementos do canto gregoriano e da canção folclórica; destrincha a harmonia acorde por acorde e analisa a relação de cada um deles com os modos escalares e com a tonalidade; faz um apanhado histórico das teorias de harmonia e do contraponto; trata em detalhe das formas musicais, deduzindo a forma cíclica a partir do estilo tardio de Beethoven.

Há motivos para crer que Villa-Lobos tenha estudado diligentemente o livro de Vincent d'Indy, grande novidade à época. Ao invés de mero treinamento repetitivo, a obra do francês pode muito bem ter oferecido a base para um pensamento musical tradicional e consistente, olhado por ângulo insuspeito — o pensamento que floresceria plenamente nas *Bachianas Brasileiras* e que já aparece na sua *Sinfonia nº 1 – O Imprevisto*.

Outro lado do livro de D'Indy parece ter provocado um eco na mente febril de Villa-Lobos: um olhar cósmico e exaltado sobre a natureza do artista, que aparece no argumento que Villa-Lobos escreveu, sob o pseudônimo de Epaminondas Villalba Filho, e que serve, de um jeito obscuro, como roteiro para esta *Sinfonia*. Num estilo que mais parece tirado de um livro de ocultismo, ele divaga sobre as reverberações das forças cósmicas que se desenrolam à frente dos olhos da Alma do Artista e também sobre seu encontro com a velha Consciência, que desperta o artista da letargia para confrontar a Realidade da Humanidade e, assim, descobrir a Substância das Coisas. O ouvinte pode se poupar da leitura do roteiro completo, pois a *Sinfonia* não parece segui-lo nem remotamente, e considerá-la uma obra programática beira o absurdo. Mas não se pode deixar de apontar que essa atmosfera espessa de egomania e misticismo do início do século XX — basta pensarmos em Scriabin, Holst ou Mahler — também é uma parte significativa da brasilidade de Villa-Lobos, que a transfundiu gradualmente numa visão panteísta da paisagem nacional e procurou traduzi-la em termos musicais.

Mesmo o mais cético é imediatamente arrebatado pela "visão luminosa do Além" do segundo movimento da *Sinfonia nº 1*, com seu solo de violoncelo que desabrocha numa suntuosa sonoridade de cores escuras. Villa-Lobos não logra manter o mesmo encantamento até o fim, mas a ambientação, seu ponto forte, já aparece aqui em sua plenitude. O "imprevisto" não é tanto a tentativa meio canhestra de elaborar uma teoria estética, mas o fato de que Villa-Lobos já se apresenta completamente formado em sua primeira obra sinfônica de grandes dimensões. O primeiro movimento é subdividido em três seções que exploram diferentes aspectos de um tema extremamente anguloso, apresentado logo no início de forma imitativa. A segunda seção, que se inicia em *pizzicato* nas cordas, lembra um pouco a amplitude melódica do Sibelius da mesma época.

O terceiro movimento estabelece um dos tópicos mais frequentes na música de Villa-Lobos: o *scherzo* de feição beethoveniana, cheio de ideias que passeiam livremente em contraponto, com orquestração impressionista e um gingado que, à luz de sua produção subsequente, interpretamos como elemento de brasilidade. O último movimento, que se aproveita de forma bem livre de um tema do primeiro, é o que mais se aproxima de uma forma convencional sinfônica de rondó, com temas marciais que se alternam com passagens lúgubres e se acumulam até um agitado clímax final.

Assim como o roteiro só define a forma desta obra se usarmos a imaginação, ela dificilmente pode ser lida como uma visão própia de uma sinfonia convencional. A sinfonia parece dialogar com outras obras de forma narrativa, como a *Scheherazade*, de Rimsky-Korsakov. Muito do sotaque villa-lobiano da maioria de suas obras maduras, inclusive o *finale precipitato* que termina em uníssono, já está aqui. Pode-se dizer que a *Sinfonia nº 1* é uma obra de êxito surpreendente na produção de um compositor ainda inexperiente, mas que apresenta saltos notáveis a cada obra.

FÁBIO ZANON é violonista, professor da Royal Academy of Music de Londres e autor de *Villa-Lobos* (Coleção "Folha Explica", Publifolha, 2009). Desde 2013, é o coordenador artístico-pedagógico do Festival de Inverno de Campos do Jordão.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

DUTILLEUX
SUR LE MÊME ACCORD
Orchestre National de France
Kurt Masur, regente
Anne-Sophie Mutter, violino
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2005

MOZART
PIANO CONCERTOS NOS. 12, 21 & 23
Zürcher Kammerorchester
Howard Griffiths, regente
Fazil Say, piano
NAÏVE, 2004

VILLA-LOBOS
COMPLETE SYMPHONIES
Radio-Sinfonieorchester Stuttgart Des SWR
Carl St. Clair, regente
CPO, 2009

SINFONIAS (6 CDS)
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
Isaac Karabtchevsky, regente
NAXOS, 2013-6

SUGESTÕES DE LEITURA

Pierre Gervasoni
HENRI DUTILLEUX
ACTES SUD, 2016

Charles Rosen
THE CLASSICAL STYLE: HAYDN, MOZART, BEETHOVEN
W. W. NORTON & COMPANY, 1998

Fábio Zanon
VILLA-LOBOS (SÉRIE "FOLHA EXPLICA")
PUBLIFOLHA, 2009

INTERNET

MOZARTPROJECT.ORG
MUSEUVILLALOBOS.ORG.BR

ISAAC KARABTCHEVSKY REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2015

Em 2009, o jornal inglês *The Guardian* indicou o maestro Isaac Karabtchevsky como um dos ícones vivos do Brasil. Nascido em São Paulo, estudou regência e composição na Alemanha, sob orientação de Wolfgang Fortner, Pierre Boulez e Carl Ueter. Entre 1969 e 1994, dirigiu a Orquestra Sinfônica Brasileira e, entre 1995 e 2001, foi diretor musical do Teatro La Fenice, em Veneza. Foi também diretor artístico da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, do Theatro Municipal de São Paulo, da Orchestre National des Pays de la Loire, na França, e da Orquestra Tonkünstler, em Viena. Recebeu a medalha do Mérito Cultural do governo austríaco e a comenda Chevalier Des Arts e Des Lettres do governo francês, além de condecorações de praticamente todos os estados brasileiros. É diretor artístico e regente titular da Petrobras Sinfônica, do Rio de Janeiro, diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e, desde 2011, diretor artístico do Instituto Baccarelli e da Sinfônica Heliópolis. Participa do projeto de gravação integral das *Sinfonias* de Villa-Lobos com a Osesp, já tendo registrado as sinfonias números 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11 e 12.

EMMANUELE BALDINI VIOLINO

Spalla da Osesp desde 2005, o italiano Emmanuele Baldini foi aluno de Corrado Romano no Conservatório de Genebra. Estudou música de câmara com o Trio di Trieste e com Franco Rossi, aperfeiçoando-se em Berlim e Salzburgo com Ruggiero Ricci. Foi *spalla* da Orquestra do Teatro Comunale de Bolonha, da Orquestra de Trieste e da Sinfônica da Galícia e colaborou com a Orquestra do Teatro alla Scala, de Milão. Desde 2008, é também o primeiro violino do Quarteto Osesp. Mais recentemente, aprofundou seus estudos de regência com Isaac Karabtchevsky e Frank Shipway.

FAZIL SAY PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Ver página 22

NÃO PERCA A CONVERSA COM EMANNUELE BALDINI E ISAAC KARABTCHEVSKY SOBRE AS OBRAS DE DUTILLEUX E VILLA-LOBOS, DIA 12 DE MAIO, ÀS 20 HORAS, NA SALA SÃO PAULO.

Promover a democratização da cultura como um valor maior, capaz de modificar a vida das pessoas.

Em nosso dia a dia, trabalhamos para proteger tudo o que é essencial para sua família. E a cultura é uma delas. Por isso, apoiamos o projeto Descubra a Orquestra, desenvolvido pela OSESP, que garante o acesso de milhares de brasileiros a ações educativas e musicais de qualidade.

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

22 DOM 16H CORO DA OSESP

CORO DA OSESP
MARÍA GUINAND PIANO

ALBERTO GINASTERA [1916-83] GINASTERA 100
Lamentações do Profeta Jeremias, Op.14 [1946]
- O Vos Omnes
- Ego Vir Videns
- Recordare, Domine
8 MIN

ROBERTO CAAMAÑO [1923-93]
Salmo XIV [1950]
4 MIN

CÉSAR ALEJANDRO CARRILLO [1957]
Pater Noster [Pai Nosso] [2014]
3 MIN

MIGUEL ASTOR [1958]
Ubi Caritas [2014]
5 MIN

ALBERTO GRAU [1937]
Confitemini Domino [Louvado Seja o Senhor] [2001]
7 MIN

RODOLFO HALFFTER [1900-87]
Três Epitáfios [1957]
- Para a Sepultura de Dom Quixote
- Para a Sepultura de Dulcineia
- Para a Sepultura de Sancho Pança
7 MIN

MIGUEL LETELIER [1939]
Arbolé, Arbolé [1957]
4 MIN

CARLOS GUASTAVINO [1912-2000]
Indianas [1967]
- Gala Del Día [Gala do Dia]
- Quién Fuera Como el Jazmín
  [Quem Fosse Como o Jasmim]
4 MIN

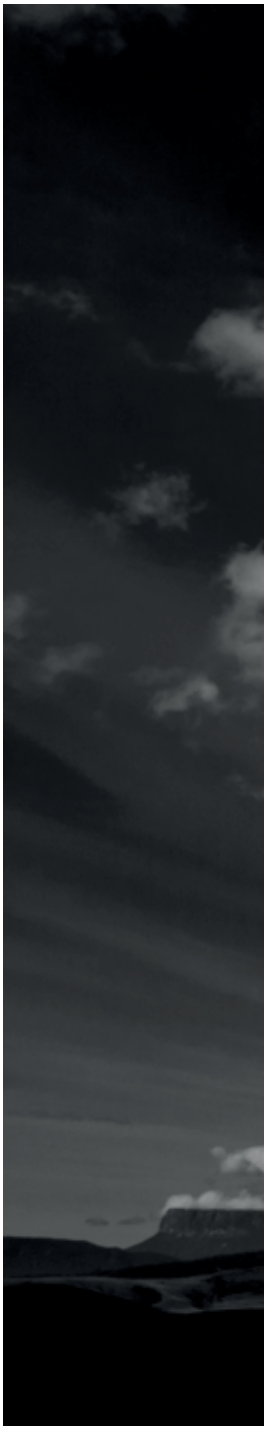
ANTONIO ESTÉVEZ [1916-88]
Despertar [1938]
3 MIN

JESÚS PINZÓN [1928]
Ñee Iñati [Que Olha?] [1971]
5 MIN

MARLOS NOBRE [1939]
Agô Lonã [1964]
4 MIN

HENRIQUE DE CURITIBA [1934-2008]
Evocação de Pixinguinha [2007]
3 MIN

GUIDO LÓPEZ-GAVILÁN [1945]
El Guayaboso [O Mentiroso] [1988]
3 MIN



MONTE RORAIMA, NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL, VENEZUELA E GUIANA (2015). FOTO DE EDU MARIN KESSEDJIAN

ENTREVISTA COM MARÍA GUINAND

Como você concebe o repertório para um concerto e qual é a ideia principal deste programa?

Geralmente, busco diferentes maneiras de conferir unidade ao programa: selecionar temas comuns que tenham inspirado as obras, tratar um compositor e sua obra como eixos condutores, relacionar estilos de composições ou, ainda, escolher obras contrastantes. Em outras palavras, são várias as estratégias disponíveis para se elaborar um programa, mas acredito ser importante que haja sempre um critério unificador.

No caso específico deste programa, usei a figura de Alberto Ginastera — cujo centenário é comemorado pela Osesp — e de sua obra *Lamentações do Profeta Jeremias* como eixos, e sobre essa estrutura construí um programa de duas partes. Incluí compositores contemporâneos a Ginastera e outros que lhe sucederam. A primeira parte é baseada em textos sagrados e em compositores que se relacionam estilisticamente à obra do argentino.

A segunda parte, organizada em torno de peças inspiradas por poesias hispano-americanas, de um lado, e por padrões rítmicos, de outro, revela um aspecto diferente da colorida composição coral na América Latina do século xx.

Fale-nos da importância de Ginastera no repertório coral.

As peças corais não ocupam uma posição de destaque na produção geral do compositor, mas *Lamentações do Profeta Jeremias* é uma obra emblemática e influenciou muitos compositores em nosso continente.

Como regente, qual é a sua relação e o seu envolvimento com o repertório brasileiro?

O repertório coral brasileiro é muito variado e repleto de compositores interessantes e inventivos, diferentes entre si. Claro que a obra de Villa-Lobos é o ponto de partida. Já interpretei inúmeras de suas peças *a cappella*, como a *Missa São Sebastião*, para coral feminino, e *Bendita Sabedoria*, além de obras coral-sinfônicas, como *Choros nº 10* e *Mandu-Çarará*. Admiro também a ousadia de Guerra-Peixe em *Série Xavante*; bem como a criatividade de compositores como Marlos Nobre, Carlos Alberto Pinto Fonseca, Osvaldo Lacerda e Ernani Aguiar; e a sobriedade dos trabalho de Ernst Widmer, Henrique de Curitiba e Ronaldo Miranda.

Por que escolheu esses compositores, em especial, e as peças de Marlos Nobre e Henrique de Curitiba?

Porque se inspiram em padrões rítmicos e, ainda assim, são concebidas de modo original. Na *Evocação de Pixinguinha*, de Henrique de Curitiba, gosto do tratamento dado às linhas vocais e às texturas. Em *Agô Lonã*, de Marlos Nobre, fui atraída pela inspiração em melodias populares e pelo uso do contraponto, que permite interpretar a peça a partir de diferentes abordagens.

Como você se relaciona artisticamente com a obra de Alberto Grau [seu marido]?

Alberto Grau é o compositor residente da Schola Cantorum da Fundação Venezuela desde sua criação. A obra coral de Grau é extensa e tem a particularidade de ter sido composta para os nossos grupos corais, propondo de forma criativa novos desafios para cantores e regentes. Promovi a estreia mundial de várias de suas peças com meus corais e pude testemunhar o processo criativo desde o início, o que me permitiu testar novas ideias e até sugerir alternativas. A obra de Grau é exigente, muitas vezes difícil, mas muito gratificante. É certamente uma ótima escola.

Entrevista a RICARDO TEPERMAN.

Tradução de Jayme da Costa Pinto.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

GINASTERA

THE LAMENTATIONS OF JEREMIAH

The Choir of St. Ignatius Loyola

Kent Tritle, regente

MSR CLASSICS, 2008

MÚSICA CORAL LATINOAMERICANA DEL SIGLO XX

Schola Cantorum de Venezuela

Alberto Grau, regente

FUNDACIÓN SCHOLA CANTORUM DE CARACAS, 1997

LÓPEZ-GAVILÁN

EXAUDI: CHAMBER CHOIR FROM CUBA

Coro Exaudi de La Habana

María Felicia Pérez, regente

PROPHONE, 1994

NOBRE

YANOMAMI

Coro Cervantes

Carlos Fernandez Aransay, regente

Fabio Zanón, guitarra

SIGNUM CLASSICS, 2009

SUGESTÕES DE LEITURA

Eduardo Storni

GINASTERA

ESPASA-CALPE, 1983

MARÍA GUINAND REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida na Venezuela, María Guinand foi aluna de Alberto Grau e estudou na Universidade de Bristol, na Inglaterra, onde se graduou e obteve mestrado em música. Também estudou regência com Helmuth Rilling e interpretação de canto gregoriano com Luigi Agustoni e Johannes Berchmans Göschl. É diretora artística do coral Schola Cantorum e regente do coral Cantoría Alberto Grau. Também é professora de regência coral na Universidade Símon Bolívar, em Caracas, além de ter sido por doze anos vice-presidente latino-americana da Federação Internacional de Música Coral.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

VISITAS MONITORADAS À SALA SÃO PAULO

HISTÓRIA E ARTE EM PERFEITA HARMONIA

TUCA VIEIRA

STEPHAN SCHMEILING

STEPHAN SCHMEILING

UMA VISÃO HISTÓRICA, ARQUITETÔNICA E TECNOLÓGICA DA SALA SÃO PAULO EM 50 MINUTOS.

DIAS E HORÁRIOS

Segunda a sexta: 13h00 e 16h30
Sábado: 13h30
Domingo: em dias de Concerto Matinal às 13h00, em dias de Concerto de Câmara da Osesp às 14h00
Feriados: sob consulta

VALOR

Segunda a sexta: R$5,00
Sábado e domingo: gratuito
Para estrangeiros ou grupos acima de 8 pessoas, é necessário agendamento.

Horários e valor sujeitos a alterações.

TUCA VIEIRA

Mais informações pelo telefone 11 3367.9573
ou pelo e-mail visita@osesp.art.br
www.salasaopaulo.art.br

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

26 QUI 21H PAU-BRASIL
27 SEX 21H SAPUCAIA
28 SÁB 16H30 JEQUITIBÁ

OSESP
HEINZ HOLLIGER REGENTE
THOMAS ZEHETMAIR VIOLINO

CLAUDE DEBUSSY [1862-1918]
Khamma [1911-2]
[Orquestração de Charles Koechlin]
- Primeira Dança: Sarabanda
- Segunda Dança
- Terceira Dança
20 MIN

HENRI DUTILLEUX [1916-2013] DUTILLEUX 100
Métaboles [Metáboles] [1962-4]
- Incantatoire [Encantatório]
- Linéaire [Linear]
- Obsessionel [Obsessivo]
- Torpide [Torpe]
- Flamboyant [Flamejante]
17 MIN

BÉLA BARTÓK [1881-1945] COMPOSITOR TRANSVERSAL
Concerto nº 2 Para Violino [1937-8]
- Allegro Non Troppo
- Andante Tranquilo
- Allegro Molto
36 MIN

CAMPO DE VISÃO (2008), OBRA DE DAMIÁN ORTEGA

A música para o balé *Khamma* foi encomendada a Debussy pela bailarina canadense Maud Allan. O compositor se arrependeu de ter se associado à empreitada, mas acabou atendendo à encomenda com a ajuda de Charles Koechlin, que foi incluído no projeto pelos editores de Debussy com o propósito de completar a orquestração. Maud Allan, proponente de uma forma própria de dança grega, reclamou que a partitura não cumpria os requisitos do cenário. Debussy, por sua vez, recusou-se a alterar uma nota que fosse para aquela mulher "detestável", por cujas atividades não tinha absolutamente nenhum interesse.

Khamma se passa no Egito, no templo do grande deus Amun-Ra. O prelúdio começa sugerindo um tumulto distante, que se aproxima aos poucos. A primeira dança revela a estátua da divindade, em pedra negra. É fim de tarde, e os raios do sol poente atravessam a janela. A cidade está cercada. O Sumo Sacerdote entra em cena e se posta perto da estátua, enquanto fiéis fazem oferendas. O religioso eleva os braços na direção do Grande Deus, em súplica, e reza pela segurança da cidade.

Até esse ponto, a orquestração é de Debussy; o restante ficou a cargo de Koechlin. Após a oração, o sacerdote espera ansiosamente por um sinal divino, mas nada acontece e ele acena para que as pessoas se retirem. Já prestes a desaparecer pela porta lateral, o sacerdote tem uma ideia, e um raio de esperança clareia seu rosto: parece ter descoberto o segredo para a vitória e sai rapidamente.

Na segunda dança, as grandes portas do templo se abrem e uma figura coberta por um véu é trazida à frente, com vagar, pelo Sumo Sacerdote. É Khamma, que tenta escapar, amedrontada. A luz suave da lua ilumina o templo e Khamma avança,

prostrando-se perante a estátua. Então se levanta e começa sua dança, destinada a salvar o país. Uma segunda dança se segue e ainda uma terceira, expressiva e mais lenta. De repente, Khamma percebe um movimento leve, inesperado, na cabeça e nos ombros da estátua. Devagar, os braços se erguem com as palmas das mãos para cima. Khamma dança desenfreadamente, inebriada de alegria, amor e devoção. Irrompem um terrível clarão e o estrondo de trovões — Khamma morre.

A terceira dança retrata uma manhã fria e cinza, o sol está nascendo. À distância, ouvem-se clamores de vitória, que se aproximam gradualmente. As portas do templo se abrem e o Sumo Sacerdote entra, seguido por fiéis que carregam ramos de palmeira e flores. Ele abençoa o corpo de Khamma e a música termina num lamento.

KEITH ANDERSON é autor do encarte de *The A-Z of Classical Music*, coleção lançada pela Naxos em 2009. Trechos do texto publicado no encarte do CD da Orquestra Nacional de Lyon (Naxos, 2010), republicado sob autorização. Tradução de Jayme Costa Pinto.

A música como arte das metamorfoses: eis uma ideia que ressoa de maneira especial em Dutilleux, para quem a questão de uma forma musical livre dos "modelos pré-fabricados" se apresenta já nas primeiras experiências de composição. O desejo de criar "obras que sejam unitárias como as do passado e abertas e móveis como as do presente" é bem representado em *Métaboles* [Metáboles] (1962-4), peça essencial do compositor.

Em primeiro lugar, pela forma, em cinco momentos encadeados. Diz Dutilleux: "Meu objetivo era afastar-me do esquema formal da sinfonia […]. *Métaboles* é um concerto para orquestra. Cada uma das cinco partes privilegia uma família específica de instrumentos: madeiras, cordas, percussão, metais e a orquestra toda para concluir".

Em segundo lugar, e principalmente, pelo material a que se referem as metáboles (ou transformações) do título (Dutilleux pensou por um momento em dar à obra o título *Metamorfoses*, mas desistiu dele por já ter sido usado por Strauss e Hindemith na década de 1940). O compositor explica: "com esse termo da retórica, adotado para formas musicais, quis apresentar ideias em certa ordem e sob aspectos diferentes, para então submetê-las, em etapas sucessivas, a uma verdadeira mudança de natureza. No plano formal, os movimentos (ou "peças") se imbricam entre si e apresentam o seguinte esquema: em cada um deles, a figura inicial — melódica, rítmica ou harmônica — passa por uma sucessão de transformações. Em certo estágio de evolução — perto do fim de cada movimento —, a deformação é tão pronunciada que engendra uma nova figura, que aparece veladamente por trás da trama sinfônica. Essa figura serve de gancho para a peça seguinte e assim por diante, até o final."

"Incantatoire" [Encantatório] tem forma semelhante à de um rondó. O "acorde sino" do início, contido entre o mi dos contrabaixos e o dos flautins, dos oboés, da requinta e dos violinos, desempenha o papel de refrão. Destaca-se no movimento um belo solo de trompete.

O elemento fundamental — o trítono de mi e si bemol — abandona em seguida o mundo das madeiras, "tratadas com exuberância", e vai para as cordas de "Linéaire" [Linear], construídas em estratos horizontais, desenhando um universo de tempo sem pulsação. Um solo de contrabaixo em *pizzicato* enuncia uma série dodecafônica que é trabalhada em "Obsessionnel" [Obsessivo] pelos metais, antes de redundar em "Torpide" [Torpe] com sonoridades percussivas (tam-tans, sobretudo) e, de modo geral, indeterminadas (como o "som plano" dos harmônicos de contrabaixos ou a nota dó no extremo grave da harpa).

O movimento final, "Flamboyant" [Flamejante], marca a reunião de todos os grupos instrumentais, ao mesmo tempo que traz de volta transformações já enunciadas, em especial o elemento original de "acorde sino". Um imenso crescendo leva a vibração sonora a seu mais alto nível, conferindo ressonâncias místicas à "intensa contemplação da natureza", que está na origem de *Métaboles*.

ANGÈLE LEROY é musicóloga. Texto publicado originalmente no *site* da Cité de la Musique, em maio de 2014, republicado sob autorização. Tradução de Ivone Benedetti.

Pesquisador exemplar e gênio da composição, Béla Bartók mergulhou na busca de fontes folclóricas para sua criação, no que de alguma maneira se encaixa o que por vezes se chama de "nacionalismo musical". Contudo, tinha espírito eminentemente crítico, em oposição às ideologias que fortaleciam as pseudorraízes nacionais para construir uma superioridade violenta e cruel, como a do nazismo. Daí a sagacidade das formulações que podemos encontrar em seus muitos textos de etnomusicologia: "O pesquisador [de música folclórica] deve esforçar-se para esquecer todo sentimento nacional"; "querer se preservar de influências estrangeiras é retroceder" e "a construção de muralhas da China para separar os povos entre si seria evidentemente nociva ao desenvolvimento [da música folclórica]".

Já se notou o clima "folclorístico" do *Concerto nº 2 Para Violino*, de 1937-8. A peça traz também meditações a respeito dos aportes de Debussy e do dodecafonismo vienense — sobre o segundo tema do "Allegro Non Troppo", Bartók teria dito que queria mostrar a Schoenberg "que é possível empregar a técnica dos doze sons e permanecer tonal".

O resultado é uma obra que atinge a beleza mais transcendente. Momentos líricos, profundos e melancólicos alternam-se com ritmos que se desencadeiam, ásperos. O *Concerto* fora encomendado pelo grande violinista Zoltán Székely, amigo e parceiro do compositor. Bartók criou uma partitura de tremenda dificuldade para o solista, colocando em evidência as qualidades do executante. Mas em nenhum momento essas exigências surgem apenas para o brilho do virtuose. Tudo em Bartók é rigor: um homem que, na vida e na arte, recusou sempre todas as concessões.

[2009]

JORGE COLI é professor na área de história da arte e da cultura na Unicamp e autor de *A Paixão Segundo a Ópera* (Perspectiva, 2003).

LEIA MAIS SOBRE BARTÓK NO NÚMERO ESPECIAL DA *REVISTA OSESP*, DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NA SALA SÃO PAULO.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

DEBUSSY

KHAMMA

Royal Concertgebouw Orchestra

Riccardo Chailly, regente

DECCA, 2006

L'Orchestre de la Suisse Romande

Ernest Ansermet, regente

DECCA, 2004

DUTILLEUX

MÉTABOLES; L'ARBRE DES SONGES; SYMPHONY N° 2 - "LE DOUBLE"

Seattle Symphony

Ludovic Morlot, regente

Augustin Hadelich, violino

SEATTLE SYMPHONY MEDIA, 2015

SYMPHONIE N° 2 - "LE DOUBLE"; MÉTABOLES; TIMBRES, ESPACE, MOUVEMENT

Orchestre de Paris

Semyon Bychkov, regente

PHILIPS, 1994

BARTÓK

VIOLIN CONCERTO No. 2; VIOLA CONCERTO

Saint Louis Symphony Orchestra

Leonard Slatkin, regente

Pinchas Zukerman, violino e viola

BMG, 1991

VIOLIN CONCERTOS Nos.1 & 2

Swedish Radio Symphony Orchestra

Daniel Harding, regente

Isabelle Faust, violino

HARMONIA MUNDI, 2013

SUGESTÕES DE LEITURA

Ariane Charton
DEBUSSY
GALLIMARD, 2012

Caroline Potter
HENRI DUTILLEUX: HIS LIFE AND WORKS
ASHGATE, 1997

Halsey Stevens
THE LIFE AND MUSIC OF BÉLA BARTÓK
CLARENDON, 1993

INTERNET

DUTILLEUX2016.COM
DEBUSSY.FR
ZTI.HU/BARTOK

HEINZ HOLLIGER REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

Nascido em 1939, na Suíça, Heinz Holliger destaca-se pela versatilidade musical, atuando como oboísta, regente e compositor. Formou-se nos conservatórios de Berna e Basileia e estudou composição com Sándor Veress e Pierre Boulez. Requisitado pelos principais conjuntos sinfônicos do mundo, já regeu a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Real do Concertgebouw de Amsterdã, a Filarmônica de Londres e a Filarmônica de Viena, além da própria Osesp. Desenvolveu extensa colaboração com a Orquestra de Câmara da Europa. Recebeu inúmeros prêmios por seu trabalho e tem sua obra gravada pelos selos Teldec, Philips e ECM.

THOMAS ZEHETMAIR VIOLINO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

Nascido em 1961, em Salzburgo, onde estudou no Mozarteum, Thomas Zehetmair fez carreira como violinista e, mais recentemente, vem atuando também como regente. É diretor musical da Royal Northern Sinfonia, na Inglaterra, e regente titular da Orquestra de Câmara de Paris. Como solista, subiu ao palco das mais célebres salas de concerto do mundo, ao lado de maestros como Daniel Barenboim, Christoph von Dohnányi e *Sir* John Eliot Gardiner. Com o Zehetmair Quartet, formado em 1994, recebeu o prêmio Gramophone de disco do ano pela gravação dos *Quartetos nº 1* e *nº 3*, de Schumann (ECM, 2003).

NÃO PERCA O ENCONTRO COM EMANNUELE BALDINI SOBRE A OBRA DE DUTILLEUX, DIA 12 DE MAIO, ÀS 20 HORAS, NA SALA SÃO PAULO.

Boas práticas transformam seu horizonte

O que impacta a sua empresa é importante para nós

A Deloitte está sempre pronta para apoiar sua empresa frente a qualquer novo desafio da economia e do ambiente de negócios. Conte com soluções que superem suas expectativas, na busca de resultados impactantes e inovadores.

www.deloitte.com.br
#impactthatmatters

Deloitte.

©2016 Deloitte Touche Tohmatsu Limited. Todos os direitos reservados.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

BANDA MILITAR DE BOCKENEM, *C.* 1890

29 DOM 16H ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP

ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP
HEINZ HOLLIGER REGENTE

FRANZ SCHUBERT [1797-1828] SCHUBERT EM FOCO

Dois Minuetos Para Sopros [1811]

5 MIN

Eine kleine Trauermusik, D 79 [Uma Pequena Música Fúnebre] [1813]

6 MIN

Dois Minuetos Para Sopros [1811]

5 MIN

ANTONÍN DVORÁK [1841-1904]
Serenata Para Sopros, Violoncelo
e Contrabaixo, Op.44 [1878]
- Moderato, Quasi Marcia
- Minuetto. Trio
- Andante Con Moto
- Finale: Allegro Molto
24 MIN

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
Suíte Para Sopros em Si Bemol Maior, Op.4 [1884]
- Prelúdio
- Romance
- Gavota
- Introdução e Fuga
23 MIN

A história da *Suíte Para Sopros em Si Bemol Maior*, de Richard Strauss, é bastante emblemática. Hans von Bülow (1830-94), um dos mais importantes regentes do século XIX, impressionado com a belíssima *Serenata em Mi Bemol* (1881), com um só movimento, encomendou ao jovem compositor uma obra para a mesma combinação de instrumentos, para ser estreada por sua célebre Meininger Hofkapelle, a orquestra da corte de Meiningen. Von Bülow queria uma peça com movimentos característicos da suíte barroca, mas, graças a desencontros na correspondência entre os dois, Strauss só recebeu a informação após ter concluído os dois primeiros movimentos, em estilo bem romântico.

A obra teve sua estreia em Munique, e Von Bülow convidou o próprio compositor para regê-la — sem avisar que não haveria tempo para ensaios. Foi assim que, além da estreia da *Suíte*, aconteceu também o *début* daquele que viria a ser um dos grandes nomes da regência no século XX. E sem direito a ensaiar…

Após o concerto, Strauss foi convidado a ser assistente de Von Bülow, tornando-se mais tarde seu sucessor na orquestra.

Em outubro de 1808 [com onze anos], Franz Schubert foi aceito no Convict, severo colégio jesuíta dirigido por Antonio Salieri e principal escola de música de Viena à época. Schubert estudou lá até quase completar dezessete anos, recebendo sua formação musical inicial. Nesse período, escreveu quartetos de cordas, *Lieder*, peças para piano, um octeto para instrumentos de sopro — em homenagem à sua mãe, morta em 1812, segundo o biógrafo Henry Frost —, além de sua primeira obra sinfônica, a *Sinfonia nº 1 em Ré Maior*.

Os *Seis Minuetos Para Sopros* datam de 1811, mas seus manuscritos foram encontrados apenas em 1968. Somente os três primeiros foram escritos por Schubert para sopros — dos demais, foram encontrados apenas esboços para piano, mais tarde adaptados para sopros por Alexander Weimann.

Já o noneto *Begräbnis-Feyer*, escrito em setembro de 1813, foi editado pela primeira vez em 1889, com o título de *Eine kleine Trauermusik*, uma pequena música fúnebre (ou, ao pé da letra, pequena música triste). Bem de acordo com o título, o compositor

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

SCHUBERT
EINE KLEINE TRAUERMUSIK D 79; OCTET D 803
Czech Nonet
Czech Soloists
PRAGA, 1995

ADAGIO & RONDO CONCERTANTE; STRING TRIO D 471; 3 MENUETS
Consortium Classicum
Dieter Klöcker, clarinete
CPO, 2001

DVORÁK
SERENADE FOR WIND
Oslo Philharmonic Wind Soloists
NAXOS, 2000

STRAUSS
COMPLETE MUSIC FOR WINDS
London Winds
Michael Collins, regente
HYPERION, 1992

SUGESTÕES DE LEITURA

Elizabeth Norman McKay
FRANZ SCHUBERT: A BIOGRAPHY
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1998

John Clapham
DVORÁK
W. W. NORTON, 1979

Michael Kennedy
RICHARD STRAUSS: MAN, MUSICIAN, ENIGMA
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999

INTERNET

FRANZSCHUBERT.ORG.UK
SCHUBERT-ONLINE.AT
DVORAK-SOCIETY.ORG
RICHARDSTRAUSS.AT

privilegia instrumentos de sonoridade mais grave: dois clarinetes, dois fagotes, um contrafagote, duas trompas e dois trombones.

Entre 1874 e 1878, Antonín Dvorák recebeu uma ajuda do governo para jovens compositores e pôde se dedicar integralmente à composição. Nesse período, compôs duas serenatas, uma para cordas, outra para sopros, retomando um estilo tão característico de Mozart e do Classicismo.

A *Serenata Para Sopros, Violoncelo e Contrabaixo* Op.44, em quatro movimentos, foi composta em apenas duas semanas, em janeiro de 1878. Apesar da forma descender dos modelos clássicos, os motivos da composição de Dvorák são inteiramente baseados na música folclórica eslava, sobretudo nos aspectos rítmicos e harmônicos.

O próprio compositor regeu a estreia da peça em Praga, em 15 de novembro de 1878, num programa totalmente dedicado às suas obras, algo inédito para o então jovem compositor. A *Serenata* foi bem recebida pelo público (consta que Brahms gostou muito da peça) e publicada logo em seguida, em abril de 1879.

ALOYSIO FAGERLANDE é professor de fagote da Escola de Música da UFRJ e integrante do Quinteto Villa-Lobos.

HEINZ HOLLIGER REGENTE
ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

Ver p. 40

BancoVotorantim
INSPIRAR A VIDA
POR MEIO
DA MÚSICA.
O Banco Votorantim é um banco brasileiro que acredita ser possível fazer a diferença na vida das pessoas, tornando a arte acessível a todos. Por isso, temos o orgulho de apoiar a Osesp, que há mais de 60 anos desenvolve um trabalho de disseminação da cultura e da música erudita na sociedade.
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA
www.bancovotorantim.com.br
Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800 728 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, 24 horas por dia, 7 dias por semana, ou e-mail sac@bancovotorantim.com.br. Ouvidoria: 0800 707 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, exceto feriados nacionais, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. Caixa Postal 21074, Rua Barão do Triunfo, 242, São Paulo - SP, CEP 04602-970. Formulário de contato disponível no site do Banco Votorantim S.A.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — Osesp — construiu uma trajetória de grande sucesso, tornando-se a instituição que é hoje. Reconhecida internacionalmente por sua excelência, a Orquestra é parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. Nos primeiros anos, foi dirigida pelo maestro Souza Lima e pelo italiano Bruno Roccella, mais tarde sucedidos por Eleazar de Carvalho (1912-96), que por 24 anos dirigiu a Orquestra e desenvolveu intensa atividade. Nos últimos anos sob seu comando, o grupo passou por um período de privações. Antes de seu falecimento, porém, Eleazar deixou um projeto de reformulação da Osesp. Com o empenho do governador Mário Covas, foi realizada a escolha do maestro que conduziria essa nova fase na história da Orquestra. Em 1997, o maestro John Neschling assume a direção artística da Osesp e, com o maestro Roberto Minczuk como diretor artístico adjunto, redefine e amplia as propostas deixadas por Eleazar. Em pouco tempo, a Osesp abre concursos no Brasil e no exterior, eleva os salários e melhora as condições de trabalho de seus músicos. A Sala São Paulo é inaugurada em 1999, e, nos anos seguintes, são criados os Coros Sinfônico, de Câmara, Juvenil e Infantil, o Centro de Documentação Musical, os Programas Educacionais, a editora de partituras Criadores do Brasil e a Academia de Música. Uma parceria com o selo sueco Bis e com a gravadora carioca Biscoito Fino garante a difusão da música brasileira de concerto. A criação da Fundação Osesp, em 2005, representa um marco na história da Orquestra. Com o presidente Fernando Henrique Cardoso à frente do Conselho de Administração, a Fundação coloca em prática novos padrões de gestão, que se tornaram referência no meio cultural brasileiro. Além das turnês pela América Latina (2000, 2005, 2007), Estados Unidos (2002, 2006, 2008), Europa (2003, 2007, 2010, 2012, 2013) e Brasil (2004, 2008, 2011, 2014), o grupo mantém desde 2008 o projeto Osesp Itinerante, pelo interior do estado de São Paulo, realizando concertos, oficinas e cursos de apreciação musical para mais de 70 mil pessoas. A Osesp iniciou a temporada 2010 com a nomeação de Arthur Nestrovski como diretor artístico e do maestro francês Yan Pascal Tortelier como regente titular. Em 2011, a norte-americana Marin Alsop é anunciada como nova regente titular da Orquestra por um período inicial de cinco anos, a partir de 2012. Também a partir de 2012, Celso Antunes assume o posto de regente associado da Orquestra. Neste mesmo ano, em sequência a concertos no festival BBC Proms, de Londres, e no Concertgebouw de Amsterdã, a Osesp é apontada pela crítica estrangeira (*The Guardian* e BBC Radio 3, entre outros) como uma das orquestras de ponta no circuito internacional. Lança também seus primeiros discos pelo selo Naxos, com o projeto de gravação da integral das *Sinfonias* de Prokofiev, regidas por Marin Alsop, e da integral das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky. Em 2013, Marin Alsop é nomeada diretora musical da Osesp e a orquestra realiza nova turnê europeia, apresentando-se pela primeira vez — com grande sucesso — na Salle Pleyel, em Paris, no Royal Festival Hall, em Londres, e na Philharmonie, em Berlim. Em 2014, celebrando os sessenta anos de sua criação, a Osesp fez uma turnê por cinco capitais brasileiras. No ano seguinte, merece destaque uma série de apresentações regidas por Isaac Karabtchevsky de *Gurre-Lieder*, de Schoenberg (até então inédita no Brasil), que conquistou os prêmios de melhor concerto do ano nos principais jornais e revistas. Em 2016, a Osesp, com Marin Alsop, realiza turnê pelos maiores festivais de verão da Europa.■

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP
REGENTE ASSOCIADO
CELSO ANTUNES
DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER***
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCELO SOARES
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS
ILIA LAPOREV
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
SAMUEL HAMZEM
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA
ANTONIO CARLOS LOPES JR. ***
MARCELO MATOS

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
FILIPE QUEIRÓS

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1º PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

GERÊNCIA
JOEL GALMACCI GERENTE
XISTO ALVES PINTO INSPETOR
LAURA PADOVAN PASSOS

ACADEMIA DA OSESP

VIOLINO
ANA CAROLINA REBOUÇAS
NATHAN OLIVEIRA
SYLLAS HANAN SANTOS

VIOLA
ABNER BRASIL
CLARA DOS SANTOS

VIOLONCELO
MATHEUS MELLO
RAFAEL DE CABOCLO

CONTRABAIXO
THIAGO PAGANELLI

FLAUTA
JÚLIA DONLEY

FAGOTE
ANGE BAZZANI

CLARINETE
TIAGO CARVALHO

TROMPA
JÉSSICA VICENTE
TAYANNE SEPULVEDA

TROMPETE
ANDRÉ LACERDA
ROGER BRITO

TROMBONE
SILAS FALCÃO
HÉLIO GÓES

PERCUSSÃO
CARLOS DOS SANTOS

(*) MÚSICO CONVIDADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

CORO DA OSESP

Criado em 1994, como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo, o Coro da Osesp (como é chamado desde 2001) reúne um grupo de cantores de sólida formação musical e é uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. Entre 1994 e 2015, o Coro da Osesp teve Naomi Munakata como coordenadora e regente. Em 2014, Naomi foi nomeada Regente Honorária do grupo. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital) e, em 2015, gravou obras de Bernstein junto à Orquestra Sinfônica de Baltimore regida por Marin Alsop, para CD do selo Naxos ■

CORO DA OSESP

REGENTE HONORÁRIA
NAOMI MUNAKATA

SOPRANOS
ANNA CAROLINA MOURA
ELIANE CHAGAS
ÉRIKA MUNIZ
FLÁVIA KELE DE SOUSA
JAMILE EVARISTO
JI SOOK CHANG
MARINA PEREIRA
MAYNARA ARANA CUIN
NATÁLIA ÁUREA
REGIANE MARTINEZ**
ROXANA KOSTKA
VIVIANA CASAGRANDI MONITORA

CONTRALTOS / MEZZOS
ANA GANZERT
CELY KOZUKI
CLARISSA CABRAL
CRISTIANE MINCZUK
FABIANA PORTAS
LÉA LACERDA MONITORA
MARIA ANGÉLICA LEUTWILER
MARIA RAQUEL GABOARDI
MARIANA VALENÇA
MÔNICA WEBER BRONZATI
PATRÍCIA NACLE
SILVANA ROMANI
SOLANGE FERREIRA
VESNA BANKOVIC

TENORES
ANDERSON LUIZ DE SOUSA
CARLOS EDUARDO DO NASCIMENTO
CLAYBER GUIMARÃES
ERNANI MATHIAS ROSA
FÁBIO VIANNA PERES
JABEZ LIMA
JOCELYN MAROCCOLO
LUIZ EDUARDO GUIMARÃES
MÁRCIO SOARES BASSOUS MONITOR
ODORICO RAMOS
PAULO CERQUEIRA
RÚBEN ARAÚJO

BAIXOS / BARÍTONOS
ALDO DUARTE
ERICK SOUZA
FERNANDO COUTINHO RAMOS
FLAVIO BORGES
FRANCISCO MEIRA
ISRAEL MASCARENHAS
JOÃO VITOR LADEIRA
LAERCIO RESENDE
MOISÉS TÉSSALO
PAULO FAVARO
SABAH TEIXEIRA MONITOR

PREPARADOR VOCAL
MARCOS THADEU

PIANISTA CORREPETIDOR
FERNANDO TOMIMURA

GERÊNCIA
CLAUDIA DOS ANJOS GERENTE
SEZINANDO GABRIEL DE O. NETO INSPETOR

CORO ACADÊMICO DA OSESP

REGENTE
MARCOS THADEU

SOPRANOS:
ANA CAROLINA COUTINHO
GIULIA MOURA
MARIANA SABINO
TAMARA CAETANO
THAIS AZEVEDO

CONTRALTOS:
ADRIENE GREICE
EMILY ALVES
IVY SZOT
LUIZA BIONDI
NAE MATAKAS

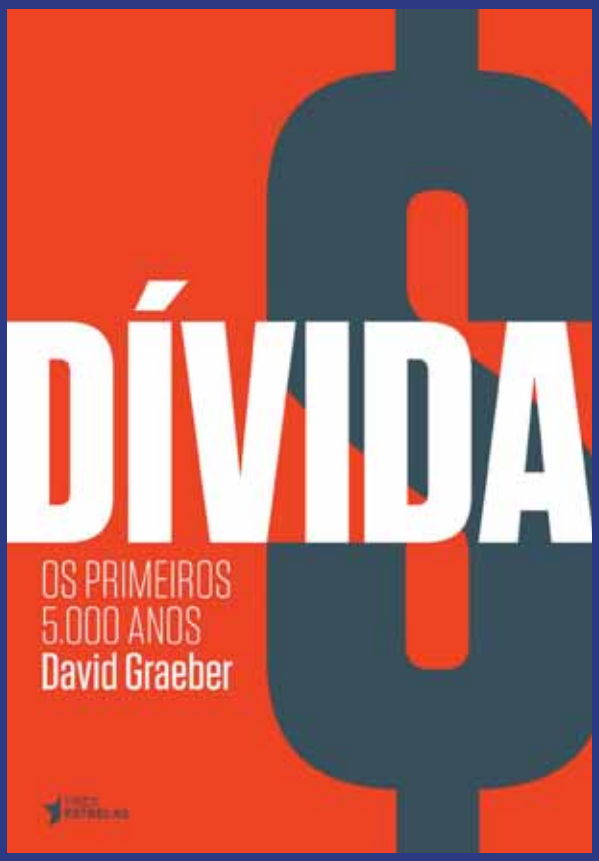
TENORES:
DANIEL BERTHOLDO
DAVID MEDRADO
MIKAEL COUTINHO
MIQUEIAS PEREIRA
RAFAEL OLIVEIRA

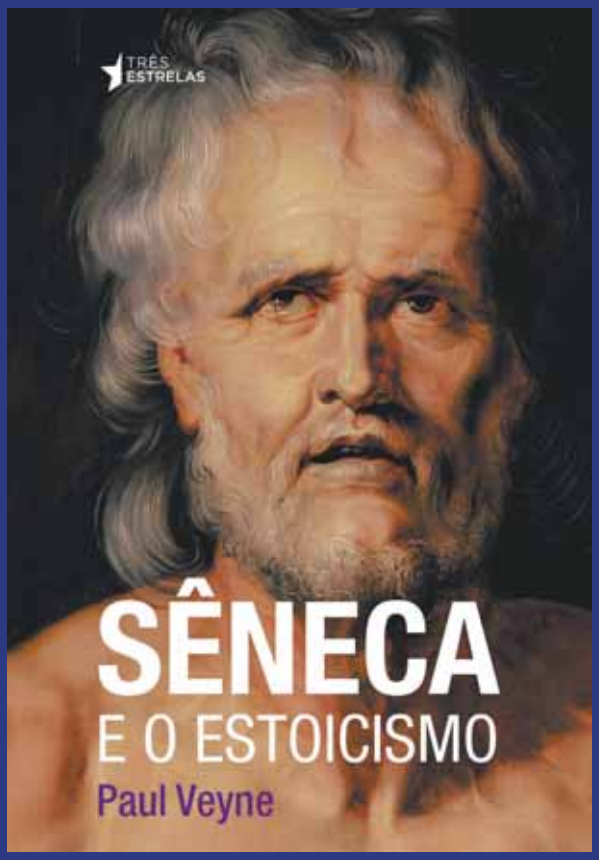
BAIXOS:
FÚLVIO LIMA
GUILHERME AMORIM
GUILHERME ROBERTO
LUIS FIDELIS
VINÍCIUS COSTA

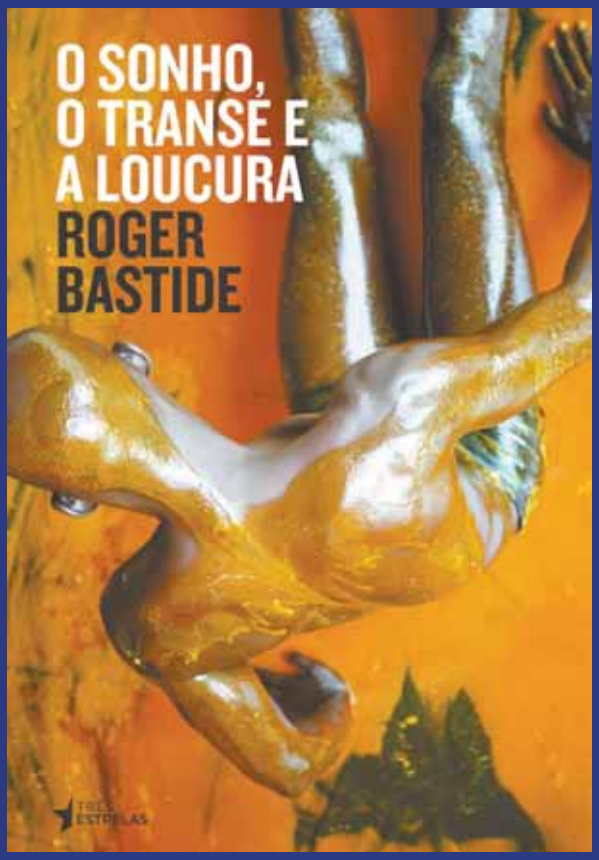
PIANISTA CORREPETIDORA
CAMILA OLIVEIRA

(**) MÚSICO LICENCIADO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES







TRÊS ESTRELAS

Ideias essenciais

CORO INFANTIL DA OSESP

REGENTE
TERUO YOSHIDA

ALLICE SOUZA DINIZ
ANA CLARA MOREIRA DA SILVA
ANA CLARA ZAMPIERI D'ANDREA
ANA LUIZA ROSA NAVES
ANDRÉ LUIZ CARDOSO AZEVEDO
CAIO HUANCA IACOMUSSI
CAYENNE CASTRO AGUIAR
CLOE PERRUT DE GODOI
DAVID GRAÇA RIBEIRO
ENZO TOLEDO ANDREUCCETTI
FLÁVIA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FRANCISCO KRINDGES GERALDINI
GABRIELA KAZAKEVICIUS
GABRIELA SILVEIRA
GABRIELE BUENO ALVES
GABRIELLI DE OLIVEIRA SOUZA
GIOVANA MASKALENKA
GIOVANNA MELLO CAMARGO
GIOVANNA VITHÓRIA DIAS TEIXEIRA
HELENA CAPELOSSI
INGRID SANTOS CLE CHERUN
IRENE CHAPUIS FONSECA
IRINA ALFONSO FREDERICO
ÍRIS DE CAMPOS MELERO
ISABELLA ZANELLATTO LACERDA
IZABELA AMOROSO CAVALCANTE
JULIA CORRÊA OLIVEIRA
JULIA PIRES DE BRITTO COSTA
JULIA RIBEIRO MONTIN
JULIA SALIM PINTO
JULLIA FISCHBORN ARDANUY
LETÍCIA SAITO KOJIMA
LUCAS SHOJI
LUIZ ROBERTO QUINTEROS DOS SANTOS
LUIZA PIRES DE BRITTO COSTA
MARCELLA YURI HONMOTO TAKABATAKE
MARIA EDUARDA GONÇALVES DOS SANTOS
MARIA SIMONE SALEK SALDIAS
MARINA CELANI GUEDES
MIGUEL DE AZEVEDO MARQUES
MINA CHYNN KU ALBUQUERQUE
MURILLO BOMFIM NASCIMENTO
NATHALIA DA SILVA SANTANA
PAULA CAETANO LEITE
PAULA SANTANA SCHIMIT
PAULO CESAR GONÇALVES DE LIMA
PRISCILA CARDOSO TEIXEIRA
RAFAELLA MARTINS SILVA
REBECCA SANTOS DE SOUZA
RICARDO MARTINS COGHI ALVES
SARA HELEN DA SILVA
SOFIA MAGON WEBER
SOFIA MARTINS RIBEIRO COELHO DE MAGALHÃES
SOFIA SANTANA
SOFIA SPASSOVA COSTA
SOPHIE YUMI SILVA ITO
THAYNÁ FERNANDA SILVA BORGES
VIVIAN GABRIELLY AMARAL VELOSO
YOHANA ROCHA GRANATTA

PIANISTA
DANA RADU

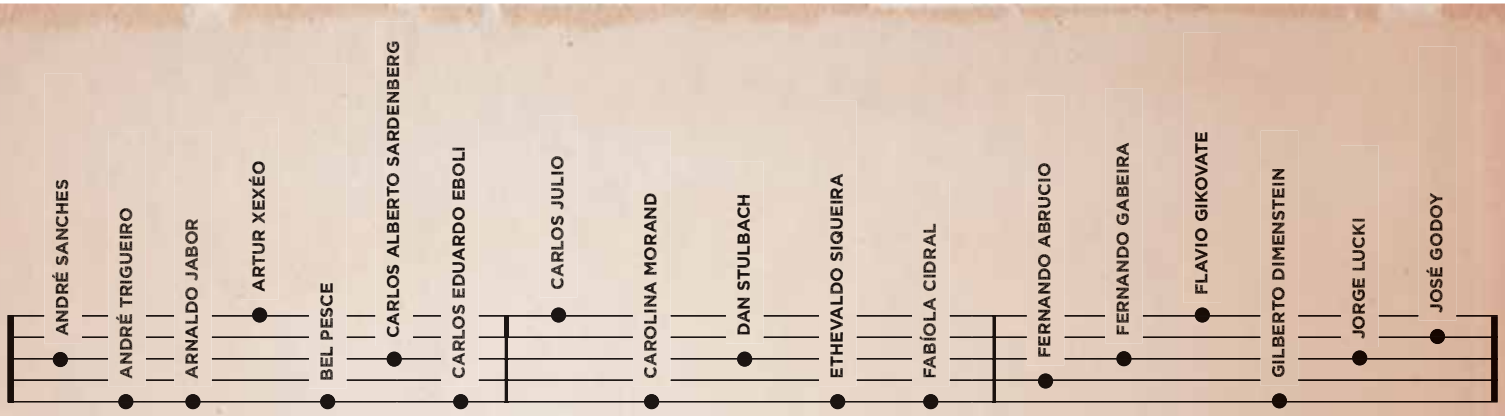
CORO JUVENIL DA OSESP

REGENTE
PAULO CELSO MOURA

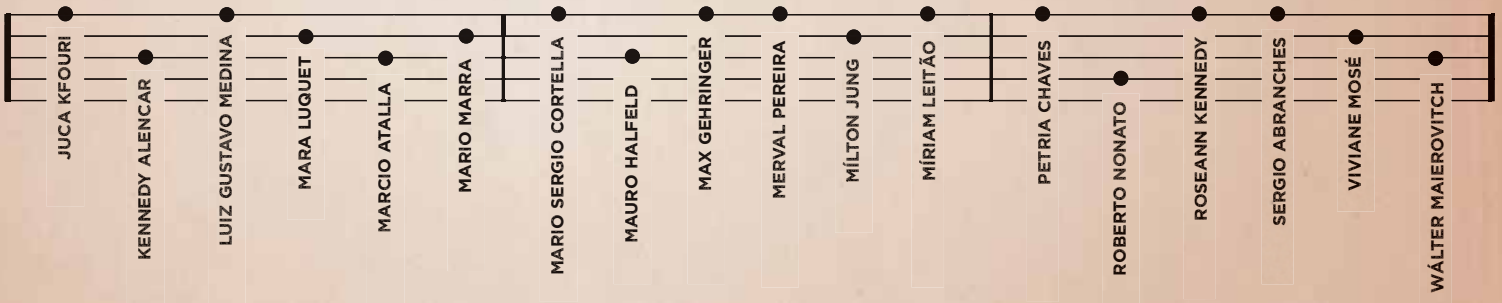
AGATHA GABRIELA E SILVA
ANA CAROLINE BERGAMASCHI FARIAS
BEATRIZ APARECIDA BARBOSA DE SOUZA
CAMILA NOBRE SANTOS
CARINA BISPO MIRANDA
CATARINA AKEMI LOPES KAWAKANI
DANIEL DE SOUZA SILVA JUNIOR
DANIEL PRADO FILHO
DAVI LIMA DA SILVA
ELISABETH PRIMO RIOS
ENZO ROCHA MAGRI
ESTHER CAROLAYNE SILVA FURQUIM
FERNANDA FERNANDES QUINTANILHA
FERNANDA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FERNANDA MOURA DA SILVA
GABRIEL SILVA PROCÓPIO
GIOVANNA MARIA SILVA CANDIDA
GRAZIELA STEFANO VYUNAS
GUSTAVO BARRAVIERA RODRIGUES
HELLEN CRISTINA SOUZA SABINO
HENRIQUE SILVA PEDROSO
INGREDY FREITAS DOS SANTOS
IZABELA VIEIRA MARCIANO
JENNIFER ANNE SANTANA DA SILVA
JOÃO PEDRO MONTANDAN HOKAMA
JULIA CARDOSO CUNHA
JULIANA CALASANS DOS SANTOS
KEREN ANA RAMOS AQUINO
LEONARDO OLIVEIRA DE LIMA
MARGOT LOHN KULLOCK
MARIA CLARA PERRUT DE GODOI
MARIANE ELOAR SILVA CAMARGO
MATHEUS BRIAN GONÇALVES DE SOUZA
MELISSA CASSIANO DE SOUSA
NAARA ELLEN MALIAN
NATHALIA GRILLO DOMINGOS
RAQUEL BEZERRA
RENATO FRITZ HOEFLER
ROBSON RAFAEL DOS SANTOS GODOY
ROGÉRIO DA SILVA DE JESUS
SILVIO EDUARDO GOMES DA SILVA
SOPHIA ALFONSO FREDERICO
VICTORIA BEATRIZ SOUZA NIZA
VINICIUS BITANCOURT SODRÉ
VITORIA COSTA DE SOUSA

PIANISTA
DANA RADU

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES



Para os jornalistas da **CBN**, tocar notícia é como fazer uma sinfonia.



A CBN não toca música.
Mas a equipe de âncoras é afinadíssima.
Os comentaristas são virtuoses da palavra e da informação jornalística.

CBN 25 ANOS

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

OSESP

CRIE SUA SÉRIE 2016

FAÇA A OSESP DO SEU JEITO

A Temporada 2016 já começou.
Não perca a oportunidade
de garantir desde já a sua série
de concertos personalizada
até o final do ano.

RESERVE O SEU LUGAR!

Veja nossa programação no site
e Crie Sua Série
osesp.art.br/criesuaserie
ou ligue **4003.1212**

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA
VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA
CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
HEITOR MARTINS
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MANOEL CORRÊA DO LAGO
PAULO CEZAR ARAGÃO
PEDRO PARENTE
SÁVIO ARAÚJO

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO
PEDRO MOREIRA SALLES
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CELSO LAFER
HORACIO LAFER PIVA
JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES NETO

CONSELHO FISCAL
JÂNIO GOMES
MANOEL BIZARRIA GUILHERME NETO
MIGUEL SAMPOL POU

CONSELHO CONSULTIVO
ANDRÉ VITOR SINGER
ANTONIO CARLOS CARVALHO DE CAMPOS
ANTONIO CARLOS VALENTE DA SILVA
AUGUSTO LUIS RODRIGUES
DRAUZIO VARELLA
EDUARDO GIANNETTI
EDUARDO PIRAGIBE GRAEFF
EUGÊNIO BUCCI
FÁBIO MAGALHÃES
FRANCISCO VIDAL LUNA
GUILHERME WISNIK
GUSTAVO ROXO FONSECA
JAC LEIRNER
JAYME GARFINKEL
JOSÉ EUSTACHIO
JOSÉ HENRIQUE REIS LOBO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO
LORENZO MAMMÌ
LUIZ SCHWARCZ
MONICA WALDVOGEL
NELSON RUSSO FERREIRA
PERSIO ARIDA
PHILIP YANG
RAUL CUTAIT
RICARDO LEAL
RICARDO OHTAKE
RÔMULO DE MELLO DIAS
SÉRGIO ADORNO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
STEFANO BRIDELLI
TATYANA FREITAS
THILO MANNHARDT
VITOR HALLACK
WILLIAM VEALE
ZÉLIA DUNCAN

(*) ESTAGIÁRIOS

DIRETORIA EXECUTIVA
MARCELO LOPES DIRETOR EXECUTIVO
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA SUPERINTENDENTE
ASSISTENTES
JULIANA DIAS FRANÇA
CAROLINA BORGES FERREIRA

DIRETORIA ARTÍSTICA
ARTHUR NESTROVSKI DIRETOR ARTÍSTICO
ISABELA PULFER ASSESSORA
DANNYELLE UEDA ASSISTENTE
PLANEJAMENTO ARTÍSTICO
ENEIDA MONACO COORDENADORA
FLÁVIO MOREIRA

FESTIVAL INTERNACIONAL
DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO
FÁBIO ZANON COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO

JURÍDICO
DANIELLA ALBINO BEZERRA GERENTE
VINICIUS CARLOS SANTOS
VINICIUS KOPTCHINSKI ALVES BARRETO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL
E EDITORA CRIADORES DO BRASIL
ANTONIO CARLOS NEVES PINTO COORDENADOR
HERON MARTINS SILVA
CÉSAR AUGUSTO PETENÁ
FELIPE FERNANDES SILVA
GUILHERME DA SILVA TRIGINELLI
LEONARDO DA SILVA ANDRADE
RAFAEL RIBEIRO DA CUNHA
THAMIRIS FRANCO MEDEIROS
THIAGO RIBEIRO FRANCISCO*
MARINA TARATETA FRANCO DE OLIVEIRA
SEVERINA MARIA TEIXEIRA

ATIVIDADES EDUCACIONAIS
ROGÉRIO ZAGHI COORDENADOR
ACADEMIA
CAMILA ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA
DANA MIHAELA RADU PIANISTA CORREPETIDORA
NAGELA GARDENE SILVA NOGUEIRA
EDUCAÇÃO MUSICAL
HELENA CRISTINA HOFFMANN
DANIELA DE CAMARGO SILVA
ISABELLA FRAGA LOPES PEREIRA
SIMONE BELOTTI
CORO INFANTIL
TERUO YOSHIDA REGENTE
CORO JUNENIL
PAULO CELSO MOURA REGENTE
BRENA FERREIRA BUENO
CORO ACADÊMICO
MARCOS THADEU REGENTE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
RENATA LIPIA LIMA
THAIS DUQUE RIBEIRO*
VICTOR LEITE DE OLIVEIRA*

MARKETING
CARLOS HARASAWA DIRETOR
ASSINATURAS
RAFAEL SANTOS
MARIA LUIZA DA SILVA
THAIS OLIVEIRA DE SOUSA
LUCAS MARQUES DA SILVA*
EVENTOS E CAPTAÇÃO PESSOA FÍSICA
MAUREN STIEVEN
GABRIELLE A. DE OLIVEIRA COELHO
GRAZIELA FERNANDA GAETA TOGNETTI*
CAROLYNE NATACHA LINS IKEDA*
RELACIONAMENTO PATROCINADORES E PARCEIROS
NATÁLIA LIMA
JULIANA MARTINS VASSOLER DE BRITTO
DANIELE FIERE SILVA
HELOISE TIEMI SILVA*

COMUNICAÇÃO

DESIGN
BERNARD WILLIAM CARVALHO BATISTA
DEBORA NISHIOKA*

IMPRENSA
ALEXANDRE AUGUSTO ROXO FELIX
FERNANDO MAGARIAN FREITAS*

MÍDIAS DIGITAIS
FABIANA GHANTOUS
NATÁLIA KIKUCHI
SOFIA CALABRIA Y CARNERO*

PUBLICIDADE / PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS
ANA PAULA SILVA MONTEIRO
GIOVANNA CAMPELO
ISABELA FANTINI GUASCO*

CONTROLADORIA

CRISTINA M. P. DE MATOS CONTROLLER
ALLINE FORMIGONI ROSSI
JERONYMO R. ROMÃO
RAFAEL HENRIQUE DE SOUZA ALEIXO
HÉLIDA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA*

CONTABILIDADE

IMACULADA C. S. OLIVEIRA GERENTE
LEONARDO QUEIROZ
VALÉRIA DE ALMEIDA CASSEMIRO
LUIS FILIPE RIBEIRO*

FINANCEIRO

FABIANO CASSANELLI DA SILVA GERENTE
VERA LUCIA DOS SANTOS SOUZA
JANDUI APRIGIO MEDEIROS FILHO
THAYNARA DA SILVA
FELIPE PEREIRA GAMA*

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

GIACOMO CHIARELLA GERENTE
CAROLINA BENKO SGAI
SANDRA APARECIDA DIAS
STHEPHANI SANTIAGO AMERICO
RAFAEL LOURENCO PATRICIO

RECEPÇÃO
ALEX DE ALMEIDA ALQUIMIM
CATIANE ARAUJO DE MELO
EUNICE DE FALCO ASSIS
MARIA JOCELMA A. R. NISHIUCHI
MICHELLY CAVALCANTE DE MOURA

SERVIÇO DE COPA
ANDREIA MARTINS DOS SANTOS

SERVIÇOS TERCEIRIZADOS
MARIA TERESA ORTONA FERREIRA

MANUTENÇÃO E OBRAS
MURILO SOBRAL COELHO
ALESSANDRO HENRIQUE ALVES DO NASCIMENTO
ANDRÉ DO NASCIMENTO SANTOS
GABRIEL DE AZEVEDO SILVA
JOSÉ AUGUSTO SÃO PEDRO
MARCIEL BATISTA SANTOS
OSVALDO DE SOUZA BRITTO
ROBERTO DE SOUZA SANTOS
TIAGO DE SOUZA DIAS
UALANS GOMES CONCEIÇÃO
ZENIVALDO DE JESUS
FELIPE DE CASTRO LEITE LAPA
GUILHERME FERNANDES DA SILVA*
LUIS HENRIQUE SANTOS DE SOUZA*

RECURSOS HUMANOS

LEONARDO DUTRA DI PIAZZA GERENTE
MARLENE APARECIDA DE ALMEIDA SIMÃO
THAMIRIS LANE DA SILVA
CAMILA SANTANA DE ARAUJO

INFORMÁTICA
MARCELO LEONARDO DE BARROS
GEOVANNI SILVA FERREIRA
GUSTAVO TADEU CANOA MORGADO
LUIZ HENRIQUE JOSE DA SILVA*
LUANA LAINS CARIS**

COMPRAS E SUPRIMENTOS
AILTON GABRIEL DE LIMA JR
DEISE PEREIRA PINTO
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DE SOUSA
ROSELI FERNANDES

ALMOXARIFADO
WILSON RODRIGUES DE BARROS

ARQUIVO
EDUARDO DE CARVALHO
ISABEL DE CÁSSIA CREMA GONÇALVES
SAYONARA SOUZA DOS SANTOS
GABRIEL JUSTINO DE SOUZA*

DIVISÃO OPERACIONAL

ANALIA VERÔNICA BELLI GERENTE

DEPARTAMENTO PRODUÇÃO – OSESP
ALESSANDRA CIMINO
JEFERSON ROCHA DE LIMA
LIVIA MARTINS NONATO
FELIPE UBALDO MILANI
GRACE NEROS ROSA

DEPARTAMENTO TÉCNICO

KARINA FONTANA DEL PAPA GERENTE
ALINE GURGEL SIQUEIRA
ERIK KLAUS LIMA GOMIDES
ANGELA DA SILVA SARDINHA
ELIEZIO FERREIRA DE ARAUJO
BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
KAIQUE RAMOS FRANÇA*

ILUMINAÇÃO
GABRIEL BARONE RAMOS

SOM
ANDRE VITOR DE ANDRADE
FERNANDO DIONISIO VIEIRA DA SILVA
RENATO FARIA FIRMINO

MONTAGEM
RODRIGO BATISTA FERREIRA
DENILSON CARDOSO ARAUJO
EDGAR PAULO DA CONCEIÇÃO
EDIVALDO JOSE DA SILVA
EMERSON DE SOUZA
GERSON DA SILVA
HUMBERTO ALVES CAROLINO
JOSÉ CARLOS FERREIRA
JÚLIO CESAR BARRETO DE SOUZA
MÁRCIO DIONIZIO SILVA
NIZINHO DEIVID ZOPELARO
RODRIGO STEVANIN
SANDRO SILVESTRE DA SILVA

DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES

MÔNICA CÁSSIA FERREIRA GERENTE
REGIANE SAMPAIO BEZERRA
FABIANE DE OLIVEIRA ARAUJO
GUILHERME VIEIRA
LARISSA BALEEIRO DA SILVA
MARIANA DE ALMEIDA NEVES
CRISTIANO GESUALDO

CONTROLADOR DE ACESSO
ADAILSON DE ANDRADE

INDICADORES
REGINALDO DOS SANTOS DE ALMEIDA
ALINE VILAS BOAS OLIVEIRA
FABRÍCIO DE FREITAS SILVA
ALUANE LOPES RODRIGUES*
CASSIO MOISES DA SILVA*
ENRIQUE LIMA ESPINOSA*
FILIPE VECCHIA D'ELIA*
GIOVANNI PEREIRA DOS SANTOS*
ISADORA MEIRELLES ROBERTO
JAIR DE ARAUJO SILVA*
JESSICA NAYANNE DOS SANTOS*
JULIANA MOURA DA SILA*
KELLY BACCAGLINI*
KLEBER ROLDAN DE ARAUJO*
LARISSA EVARISTO*
LEANDRO DE ALMEIDA LEÃO*
LILIAN LITSUHO HASHIMOTO*
LUCAS DE OLIVEIRA VIEIRA*
LUCAS FERREIRA CARDOSO DOS SANTOS*
LUIS GUSTAVO SOUZA SILVA*
MARINA DE SOUZA GUIMARÃES*
ROGÉRIO AUGUSTO TEIXEIRA*
SIMONE HITOMI HOZAWA*
BEATRIZ DE OLIVEIRA**
CATARINE CRUZ BRITO**
DAVI SILVA SANCHES**

(*) ESTAGIÁRIOS
(**) APRENDIZES

PROGRAMA SUA ORQUESTRA

AGRADECEMOS A TODOS QUE CONTRIBUEM COM O NOSSO PROGRAMA DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA OS PROGRAMAS EDUCACIONAIS DA OSESP

PATRONO / ACIMA DE R$ 15.101
ALVARO LUIZ BRUZADIN FURTADO
ANDRE RODRIGUES CANO
ANDREW THOMAS CAMPBELL
ANTONIO QUINTELLA
CARLOS EDUARDO MORI PEYSER
FABIO COLLETTI BARBOSA
HEITOR MARTINS
JAYME GARFINKEL
MARCELO KAYATH
PAULO BILEZIKJIAN
WASHINGTON KATO
1 ANÔNIMO

PRESTO / DE R$ 8.101 A R$ 15.100
ANDRÉ CAMINADA
DANIEL LEMBO SCHILLER
HELIO MATTAR
HORACIO LAFER PIVA
J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MAURICIO CASTANHO TANCREDI
PAULO APARECIDO DOS SANTOS
PEDRO SALMERON CARVALHO
STEFANO BRIDELLI
SYLVIO RICARDO PEREIRA DE CASTRO
TERESA CRISTINA FERNANDEZ MIAZZI

VIVACE CON BRIO / DE R$ 4.101 A R$ 8.100
ADRIANO ZAN
ALBERTO CAZAUX
ALBERTO DOMINGOS FILHO
ANTONIO DE JESUS MENDES
BOO SUNG CHOI
CARLOS ALBERTO WANDERLEY JUNIOR
CARMEM LUIZA GONZALEZ DA FONSECA
CHISLEINE FÁTIMA DE ABREU
FERNANDA MARIA VILLAÇA BOUERI
GUILHERME CAOBIANCO MARQUES
GUSTAVO ROXO
HELGA VERENA LEONI MAFFEI
ILMA TERESINHA ARNS WANG
ISRAEL VAINBOIM
JOSÉ CARLOS BAPTISTA DO NASCIMENTO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO BENETI
JULIO CESAR DA COSTA
LUIS EDMUNDO PINTO DA FONSECA
LUIZ DO NASCIMENTO PEREIRA JUNIOR
LUIZ FRANCO BRANDÃO
LUIZ GONZAGA MARINHO BRANDÃO
MARCOS GOMES AMORIM
MARIA ELISA FUDABA CURCIO PEREIRA
MARIA LUIZA PIGINI SANTIAGO PEREIRA
NELSON MERCHED DAHER FILHO
PETER GREINER
RAQUEL SZTERLING NELKEN
REGINA LÚCIA ELIA GOMES
RITA DE CASSIA BARRADAS BARATA
RODRIGO RIBEIRO NOVAES
SERGIO TADEU RIBEIRO
STEFANO BRIDELLI
SYLVIO RICARDO PEREIRA DE CASTRO
TARCISIO BARRETO CELESTINO
TOMASZ KOWALTOWSKI
VERA LUCIA PERES PESSÔA
VITÓRIO LUIS KEMP
WALDEMAR COELHO HACHICH
ZOROASTRO CERVINI ANDRADE
6 ANÔNIMOS

VIVACE / DE R$ 2.101 A R$ 4.100
ABNER OLIVA
ALCEU LANDI
ALFONSO HUMBERTO CELIA SILVA
ALMIR FERREIRA DE SOUSA
ALUÍZIO GUIMARÃES CUPERTINO
ANA BEATRIZ LORCH ROTH
ANA ELISABETH ADAMOVICZ DE CARVALHO
ANITA LEONI
ANTONIO CAPOZZI
ANTONIO CLARET MACIEL SANTOS
ANTONIO DIMAS
ANTONIO MARCOS VIEIRA SANTOS
ARNALDO MALHEIROS
BERTHA ROSENBERG
CARLOS ALBERTO MATTOSO CISCATO
CARLOS EDUARDO A. M. DE ANDRADE
CARLOS MACRUZ FILHO
CARLOS ROBERTO APPOLONI
CLÁUDIO CÂMARA
CLODOALDO APARECIDO ANNIBAL
DEBORAH NEALE
DORIS CATHARINE CORNELIE KNATZ KOWALTOWSKI
ED AQUINO
EDILSON DE MORAES REGO FILHO
EDITH RANZINI
EDSON MINORU FUKUDA
ELAYNE RODRIGUES DE MATOS
ELISEU MARTINS
ELZA MARIA ROCHA PADUA
ETSUKO IKEDA DE CARVALHO
EURICO RIBEIRO DE MENDONÇA
FÁTIMA PORTELLA RIBAS MARTINS
FRANCISCO SCIAROTTA NETO
FRANCISCO SEGNINI JR
GASTÃO JOSE GOULART DE AZEVEDO
GONZALO VECINA NETO
HAMILTON BOKALEFF DE OLIVEIRA JUNIOR
HELDER OLIVEIRA DE CASTRO
HELIO ELKIS
IVAN CUNHA NASCIMENTO
JAIME PINSKY
JAIRO OKRET
JAYME VOLICH
JONATHAN E. KELLNER
JOONG HYUN SHIN
JOSÉ CARLOS ROSSINI IGLÉZIAS
JOSÉ GOLDENBERG
JOSÉ LUIZ GOUVEIA RODRIGUES
JOSÉ NELSON FREITAS FARIAS
JUDITH MIREILLE BEHAR
JUNIA BORGES BOTELHO
KARL HEINZ KIENITZ
LAURA PALADINO DE LIMA
LAYDE HILDA MACHADO SIQUEIRA
LEONARDO ARRUDA DO AMARAL ANDRADE
LEONARDO KENJI RIBEIRO KITAJIMA
LUCI BANKS LEITE
LUIS ROBERTO SILVESTRINI
LUIZ DIEDERICHSEN VILLARES
MARCIO AUGUSTO CEVA
MARCIO MARCH GARCIA
MARIA HELENA LEONEL GANDOLFO
MARINA DE ALMEIDA AOKI
MAURICIO CARLOS MARTINS REZENDE
MAURICIO GOMES ZAMBONI
MÉRCIA LUCIA DE MELO NEVES CHADE
MIGUEL LOTITO NETTO
NELI APARECIDA DE FARIA
NELSON DE OLIVEIRA BRANCO
ORLANDO CESAR DE OLIVEIRA BARRETTO
OSWALDO HENRIQUE SILVEIRA
PAULO CAMPOS CARNEIRO
PAULO ROBERTO CAIXETA
PAULO ROBERTO PORTO CASTRO
PEDRO SPYRIDION YANNOULIS
PLINIO TADEU CRISTOFOLETTI JUNIOR
PROVVIDENZA BERTONCINI
RAFAEL GOLOMBEK
RAPHAEL PEREIRA CRIZANTHO
RENÉ HENRIQUE GÖTZ LICHT
RICARDO CARNICELLI DE OLIVEIRA
SAMI TEBECHRANI
SANTO BOCCALINI JUNIOR
SARAH VALENTE BATTISTELLA
SATOSHI YOKOTA
SERGIO PAULO RIGONATTI
SIDNEI FORTUNA
SILVIA EKMAN SIMÕES
STEPHAN WOLYNEC
TARCÍSIO SARAIVA RABELO JR.
VALDIR RODRIGUES DE SOUZA
VERA DA CONCEIÇÃO FERNANDES HACHICH
WILTON QUEIROZ DE ARAUJO
ZILMA SOUZA CAVADAS
20 ANÔNIMOS

ALLEGRO / DE R$1.101,00 A R$2.100,00
ADEMAR PEREIRA GOMES
ADRIANA NUNES
ALAOR CHIODIN
ALBINO DE BORTOLI
ALIDA MARIA FLEURY BELLANDI
ANTONIO SALATINO
ARTUR HENRIQUE DE TOLEDO DAMASCENO
CARLO CELSO LENCIONI ZANETTI
CARLOS EDUARDO MANSUELLI FORNERETO
CARLOS INÁCIO DE PAULA
CARMEN SILVIA DE MELO
CECILIA ABELHA STREMLOW
CELINEA VIEIRA PONS
CRISTIANE VIEIRA DOS SANTOS BARROS
DEBORA ARNS WANG
DÉCIO PEREIRA COUTINHO
DEMILSON BELLEZI GUILHEM
DIANA VIDAL
DIDIO KOZLOWSKI
DIONE MARIA PAZZETTO ARES
ELIANA R. M. ZLOCHEVSKY
ELISABETH BRAIT
FELICIANO LUMINI
FERNANDA DE MIRANDA MARTINHO
FERNANDO CÉSAR NARDUZZO
FERNANDO MOREIRA DE ANDRADE
FILIPPE VASCONCELLOS DE FREITAS GUIMARÃES
FLAVIA HELENA PIUMA SILVEIRA
FRIEDRICH THEODOR SIMON
GERALDO GOMES SERRA
GIOCONDA DA CONCEIÇÃO SILVA
GLORIA MARIA DE ALMEIDA SOUZA TEDRUS
HELIO JULIO MARCHI
HENRIQUE HUSS
IDEVAL BERNARDO DE OLIVEIRA
ILAN AVRICHIR
ISIS CRISTINA BARCHI
JEANETTE AZAR
JOÃO LAZARO DA SILVA
JOÃO PEDRO RODRIGUES
JOAQUIM VIEIRA DE CAMPOS NETO
JOSE ADAUTO RIBEIRO
JOSE ANTONIO MEDINA MALHADO
JOSE BILEZIKJIAN
JOSÉ CARLOS GONSALES
JOSE CERCHI FUSARI
JOSE GUILHERME VARTANIAN
JOSE HERNANI ARRYM FILHO
JOSE MARIA CARDOSO DE ASSIS
JOSE ROBERTO DE ALMEIDA MELLO
JOSÉ ROBERTO FORNAZZA
JOSÉ SUDÁ PIRES
JULENE NEVES DE OLIVEIRA JESUS
JULIO MILKO
LAURO SOTTO
LILIA BLIMA SCHRAIBER
LUÍS MARCELLO GALLO
LUIZ ABLAS
LUIZ CESÁRIO DE OLIVEIRA
MANOEL THEOPHILO BARBOSA FILHO
MARCELO JUNQUEIRA ANGULO
MARCELO PENTEADO COELHO
MARCIO VERONESE ALVES
MARCO TULLIO BOTTINO
MARCUS TOMAZ DE AQUINO
MARIA CECILIA SENISE MARTINELLI
MARIA INEZ CEZAR DE ANDRADE
MARIA JOSEFA SUÁREZ CRUZ
MARIA KADUNC
MARIA LUCIA PEREIRA MACHADO
MARIA TERESA ROLIM ROSA
MARINA PEREIRA BITTAR
MAURO FISBERG
MAURO NEMIROVSKY DE SIQUEIRA
MESSIAS MACIEL DO PRADO
MIGUEL SAMPOL POU
NADIR DA GLORIA HAGUIARA CERVELLINI
NAPOLEON GOH MIZUSAWA
NATANIEL PICADO ALVARES
NEUSA MARIA DE SOUZA
NEWTON FARIAS PRATES
OSCAR MATHIAS FERREIRA
OSCAR WINDMÜLLER
PATRICIA RADINO ROUSE
PATRICK CHRISTIAN POLAK
PAULO DE TOLEDO PIZA
PAULO EMÍLIO PINTO
PAULO MENEZES FIGUEIREDO
PAULO REALI NUNES
PAULO ROBERTO SABALAUSKAS
PEDRO ALLAN GIGLIO SARKIS
REGINA COELI SAVIO GALLO
RENATA SIMON
RENATO ATILIO JORGE
RENATO DE ALMEIDA PIMENTEL MENDES
RENATO YOSHIO MURATA
ROBERTO LOPES DONKE
ROSA RANGEL
SALVATOR LICCO HAIM
SANDRA SOUZA PINTO
SELMA ANTONIO
SELMA MARIA SCHINCARIOLI
SERGIO OMAR SILVEIRA
SILVIO ANTONIO DA SILVA
SILVIO LUIZ PARTITI FERREIRA
SONIA MARGARIDA CSORDAS
SONIA MARIA SCHINCARIOLI
SONIA PONZIO DE REZENDE
THEREZINHA PRADO DE ANDRADE GOMES
THOMAZ WOOD JUNIOR
VALÉRIA GADIOLI
VICENTE PAIVA CORREIA LIMA
WAGNER SILVA RIBEIRO

WALTER JACOB CURI
WALTER MONKEN
WU FENG CHUNG
YVAN LEONARDO BARBOSA LIMA
ZOÉ MARSIGLIO
31 ANÔNIMOS

ALLEGRETTO / DE R$400,00 A R$1.100,00
ABRAHÃO SALITURE NETO
ADHEMAR MARTINHO DOS SANTOS
ALEXANDRE CONTI MARRA
ALEXANDRE JOSE MARKO
ALEXANDRE SILVESTRE
ANA CAROLINA ALBERO BELISÁRIO
ANATOLY TYMOSZCZENKO
ANDRÉ LUIZ DE MEDEIROS M. DE BARROS
ANDRE PASQUALE ROCCO SCAVONE
ANDREE SOLAL RIBEIRO
ANNA CRISTINA BARBOSA DIAS DE CARVALHO
ANNA LAURA OLIVA
ANTONIO CARLOS MANFREDINI
AQUINOEL NEVES BORGES NETO
AVA NICOLE DRANOFF BORGER
BARBARA HELENA KLEINHAPPEL MATEUS
CAMILA MARIA PEREIRA
CARLOS ALBERTO PINTO DE QUEIROZ
CARLOS BOTAZZO
CARLOS EDUARDO CIANFLONE
CARLOS EDUARDO SEO
CARMEN GOMES TEIXEIRA
CÁSSIO BICUDO DREYFUSS
CÉLIA MARISA PRENDES
CELIA TERUMI SANDA
CÉLIO CORRÊA DE ALMEIDA FILHO
CESARE TUBERTINI
CLARA AKIKO KOBASHI SILVA
CLARICE BERCHT
CLAUDIA CRISTINA FERREIRA FERNANDES
CLAUDIA RUMI KATSUMATA
CLAUDIA SERRANO DE AZEVEDO
CLAUDIONOR SPINELLI
CLOVIS LEGNARE
CRISTIANE ZAKIMI
CRISTINA MARIA MIRA
DAN ANDREI
DANIEL DE ALMEIDA OKINO
DANIELA DA SILVA GOMES
DANIELE AKEMI IWAZAWA OKINO
DANUSA STUDART LUSTOSA CABRAL
DÁRCIO KITAKAWA
DOUGLAS CASTRO DOS REIS
DULCIDIVA PACCAGNELLA
EDITH LUCIA MIKLOS VOGEL
EDSON DEZAN
EDUARDO ALGRANTI
EDUARDO GERMANO DA SILVA
EDUARDO PIZA PEREIRA GOMES
EFRAIN CRISTIAN ZUNIGA SAAVEDRA
ELENICE SALLES KRAEMER
ELIAS AUDI JÚNIOR
ELIZABETE TSUBOMI SAITO GUIOTOKU
ELOISA CRISTINA MARON
ELOISA THOMÉ MILANI
ELY CAETANO XAVIER JUNIOR
EMA ELIANA TARICCO DE FIORI
EMILIO EUGÊNIO AULER NETO
ESMERIA ROVAI
EVANDRO BUCCINI
FABIANA IENO JUDAS
FÁBIO BATISTA BLESSA
FÁBIO FERREIRA MARINS
FAUSTO MANTOVANI
FERNANDO ANTONIO FOLLADOR
FERNANDO ANTONIO RIVETTI SUELOTTO
FERNANDO HERBELLA
FERNANDO LUIS LEITE CARREIRO
FERNANDO SILVA
GINA MARIA MANFREDINI OLIVEIRA
GIZELDA MARIA BASSI SIQUEIRA
HÉLIO JORGE GONÇALVES DE CARVALHO
IRAPUA TEIXEIRA
IRENE DE ARAUJO MACHADO
ÍRIS GARDINO
IVAN CÉSAR RIBEIRO
IVONETE MARTINEZ
JANOS BELA KOVESI
JEAN FERNANDO PINHEIRO MIRANDA
JOÃO CLÁUDIO LOUREIRO
JOSÉ ESTRELLA
JOSE FERDINANDO DUCCA
JOSÉ FRANCISCO KERR SARAIVA
JOSE QUINTO JR.
JÚLIO CÉSAR FERREIRA DA SILVA
KARIN REGINA KOLBE

KOICHI MIZUTA
LAFAYETTE DE MORAES
LARRY G. LUDWIG
LEILA TERESINHA SIMÕES RENSI
LEON CHANT DAKESSIAN
LIRIA KAORI INOUE
LÚCIA MACHADO MONTEIRO
LUCIANO ANTÔNIO PRATES JUNQUEIRA
LUCIANO GONZALES RAMOS
LUIS FERNANDO ALVES MILEO
LUIZ CARLOS C. MONTEIRO DE BARROS
LUIZ CARLOS DE CASTRO VASCONCELLOS
LUIZ CARLOS FERNANDES
LUIZ CARLOS TEIXEIRA DE SOUZA JUNIOR
LUIZ CESAR KIMURA
LUIZ EDUARDO CIRNE CORREA
LUIZ ROBERTO ALVES
MARCELO ANCONA LOPEZ
MARCELO HIDEKI TERASHIMA
MÁRCIA REGINA PADILHA
MARCIO BACCAN
MARIA CECILIA ROSSI
MARIA EMÍLIA PACHECO
MARIA EVANGELINA RAMOS DA SILVA
MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA
MARIA ISABEL GARCIA
MARIA LUCIA TOKUE ITO
MARIA LUIZA MARCILIO
MARIA VIRGINIA GRAZIOLA
MARIAM ARAKAWA IRIE
MARINA PEREIRA ROJAS BOCCALANDRO
MÁRIO NELSON LEMES
MASATAKE HASEYAMA
MEIRE CRISTINA SAYURI MORISHIGUE
MIRIAM DE SOUZA KELLER
MÔNICA MAZZINI PERROTTA
MURILO LEMOS DE LEMOS
NANCY ZAMBELLI
NELSON ANDRADE
NICK DAGAN
NICOLAU KOHN
NILDE TAVARES LIMA
NILTON DIVINO D'ADDIO
OSÉAS DAVI VIANA
OSVALDO YUTAKA TSUCHIYA
OTÁVIO ROBERTI MACEDO
OZIRIS DE ALMEIDA COSTA
PASCHOAL MILANI NETTO
PATRÍCIA GAMA
PEDRO MORALES NETO
PEDRO SÉRGIO SASSIOTO
PERCIVAL HONÓRIO DE OLIVEIRA
RAFFAELLA OLIVA
REBECA LÉA BERGER
REGINA HELENA DA SILVA
REGINA VALÉRIA DOS SANTOS MAILART
REINALDO MORANO FILHO
RENATA KUTSCHAT
RICARDO SAMPAIO DE ARAUJO
RICARDO VACARO
RICARDO VASCONCELOS BOTELHO
ROBERT DE MORAES JARDIM AWERIANOW
ROBERTO LASMAN
ROBERTO LUIS AVIGNI
ROBERTO MORETTI BUENO
RODRIGO BARBOSA MELLO
ROMULO OURIVES CRUZ
ROSANA TAVARES
ROSELI RITA MARINHEIRO
ROSELY VICCIOLI LOURENCO
RUBENS BRITO DO NASCIMENTO
RUBENS PIMENTEL SCAFF JUNIOR
SELMA S. CERNEA
SILVIA CANDAL MORATO LEITE
SILVIO ALEIXO
SUELI YOKOMIZO
SUSANA AMALIA HUGHES SUPERVIELLE
SYLVIA IGNEZ DUARTE MEGDA
TEREZINHA APARECIDA SÁVIO
TIAGO DE GOIS BORGES
VALÉRIA DOS SANTOS GABRIEL
VITÓRIA REGIA MONCARI BARBOSA
VIVIANA SAPHIR DE PICCIOTTO
WALTER RIBEIRO TERRA
WILIAM BASSITT
WILMA PARTITI FERREIRA
YURI DE OLIVEIRA PEREIRA
ZELITA CALDEIRA FERREIRA GUEDES
62 ANÔNIMOS

ATUALIZADO EM 19/04/2016

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

OSESP

APOIE SUA ORQUESTRA

Há boas razões para ser um Associado Osesp

NATÁLIA KIKUCHI

1

Você contribui para o desenvolvimento dos projetos educacionais da Fundação Osesp: Descubra a Orquestra na Sala São Paulo, Academia de Música da Osesp e Visita Monitorada.

2

Você recebe benefícios exclusivos e convites para eventos na Sala São Paulo, que permitem um maior contato com a Osesp e com os projetos educacionais.

3

Você recupera 100% da sua contribuição, deduzindo o valor doado até o limite de 6% na declaração no modelo completo, do seu Imposto de Renda devido.

SAIBA MAIS

PROGRAMA SUA ORQUESTRA
www.osesp.art.br/suaorquestra
suaorquestra@osesp.art.br
11 3367-9581
11 3367-9582

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

INFORMAÇÕES ÚTEIS

PRECISO ME PREPARAR PARA OS CONCERTOS?

Não é necessário conhecimento prévio para assistir e apreciar a música apresentada pela Osesp. Entretanto, conhecer a história dos compositores e as circunstâncias das composições traz novos elementos à escuta. Com início uma hora antes dos concertos da série sinfônica, **aulas de cerca de** 45 **minutos de duração abordam aspectos diversos das obras do programa a ser apresentado pela Osesp na mesma data.** Para participar, basta apresentar o ingresso avulso ou de assinatura para o respectivo concerto. Nas *Revistas* você também encontra comentários de musicólogos e especialistas em linguagem acessível.

SOMENTE MÚSICA

Diferentemente de outros gêneros musicais, a música de concerto valoriza detalhes e sons muito suaves; assim, o silêncio por parte da plateia é muito importante. **Telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos devem permanecer desligados, ou em modo silencioso, durante os concertos. Além do som, também a luz desses aparelhos pode incomodar.**

FUMAR, COMER E BEBER

Fumar em ambientes fechados é proibido por lei; lembre-se também de que não é permitido comer ou beber no interior da sala de concertos.

QUANDO APLAUDIR?

É tradição na música clássica aplaudir apenas no final das obras. Preste atenção, pois muitas peças têm vários movimentos, com pausas entre eles. Se preferir, aguarde e observe o que faz a maioria.

CHEGANDO ATRASADO

No início do concerto ou após o intervalo, as portas da sala de concerto serão fechadas logo depois do terceiro sinal. Se lhe for permitido entrar entre duas obras, siga as instruções de nossos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago que encontrar. **Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.**

IMPORTANTE

Pensando em seu conforto, além da implantação das três saídas para facilitar o fluxo de veículos após os concertos, outra melhoria foi aplicada ao nosso estacionamento: agora você retira o comprovante (*ticket*) na entrada e efetua o pagamento em um dos caixas, localizados no 1º subsolo (ao lado da bilheteria) e no *hall* principal da Sala São Paulo. A forma de pagamento também melhorou; além de cartão de crédito e débito, você pode utilizar o sistema Sem Parar/Via Fácil.

Lembre-se: o *ticket* pode ser pago a qualquer hora, desde sua entrada até o final da apresentação.

Antecipe-se. Não espere o final do concerto: pague assim que entrar ou durante o intervalo. Dessa forma, você evita filas, otimiza seu tempo e aproveita até o último acorde.

COMO DEVO ESTAR VESTIDO?

É fundamental que você se sinta confortável em sua vinda à Sala São Paulo. Entretanto, assim como não usamos roupas sociais na praia, é costume evitar bermudas ou chinelos numa sala de concertos.

E NA HORA DA TOSSE?

Não queremos que você se sinta desconfortável durante as apresentações. Como prevenção, colocamos à disposição balas (já sem papel), que podem ser encontradas nas mesas do *hall* da Sala. Lembre-se que um lenço pode ser muito útil para abafar a tosse.

CRIANÇAS

As crianças são sempre bem-vindas aos concertos, e trazê-las é a melhor forma de aproximá-las de um repertório pouco tocado nas rádios e raramente explorado pelas escolas. Aos sete anos, as crianças já apresentam uma capacidade de concentração mais desenvolvida, por isso recomendamos trazê-las a partir dessa idade. Aconselhamos a escolha de programas específicos e que não ultrapassem os sessenta minutos de duração.

SALA SÃO PAULO

Alvará de Funcionamento nº 2015/17606-00, válido até 24/07/2016.

Certificado de Acessibilidade nº 2014/17296-00.

Auto de Vistoria nº 172322 válido até 13/03/2017.

REVISTA OSESP
MAIO 2016

O CONTEÚDO DAS NOTAS
DE PROGRAMA É DE RESPONSABILIDADE
DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES

ISSN 2238-0299

EDIÇÃO FINALIZADA EM
25 DEABRIL DE 2016

EDITOR
RICARDO TEPERMAN

COORDENAÇÃO EDITORAL
ANA PAULA MONTEIRO

ASSISTENTE EDITORAL
KAREN FERREIRA

PREPARAÇÃO DE TEXTO
FLÁVIO CINTRA DO AMARAL

REVISÃO
LUIZ FUKUSHIRO

PROJETO GRÁFICO
FUNDAÇÃO OSESP

DIAGRAMAÇÃO
BERNARD WILLIAN CARVALHO BATISTA

CRÉDITOS
DUTILLEUX: © GUY VIVIEN
DUTILLEUX E ROSTROPOVITCH: © ROGER PICARD / RADIO FRANCE
HENRI DUTILLEUX, C. 1930: © LIPNITZKI
DUTILLEUX E SUA MULHER GENEVIÈVE JOY: © FOYER GENEVIÈVE JOY ET HENRI DUTILLEUX
SEM TÍTULO, SANDRA CINTO: © EVERTON BALLARDIN
LUIS TINOCO: © SOFIA MACEDO
JAMES GAFFIGAN: © MARGARETTA K. MITCHELL
PISTAS: © CHROMA ISTANBUL
FAZIL SAY: © MARCO BORGGREVE
ESCADARIA DO EDIFÍCIO SOBRE AS ONDAS: © ALICE BRILL/IMS
ISAAC KARABTCHEVSKY: © BRUNO VEIGA
EMMANUELE BALDINI: © MARCO ALBERTI
MONTE RORAIMA: © EDU MARIN KESSEDJIAN
MARÍA GUINAND: © FRANCISCO MARCHENA
CAMPO DE VISÃO: © GEORGES MEGUERDITCHIAN
HEINZ HOLLIGER: © JULIETA SCHILDKNECHT
THOMAS ZEHETMAIR: DIVULGAÇÃO
BANDA MILITAR DE BOCKENEM: © MUSIKSUG BOCKENEM
OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
CORO DA OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL

A *REVISTA OSESP* ENVIDOU TODOS OS ESFORÇOS PARA LICENCIAR AS IMAGENS E TEXTOS CONTIDOS NESTA EDIÇÃO. TEREMOS PRAZER EM CREDITAR OS PROPRIETÁRIOS DE DIREITOS QUE PORVENTURA NÃO TENHAM SIDO LOCALIZADOS.

SALA SÃO PAULO
FUNDAÇÃO OSESP
PRAÇA JÚLIO PRESTES, 16
T 11 3367.9500

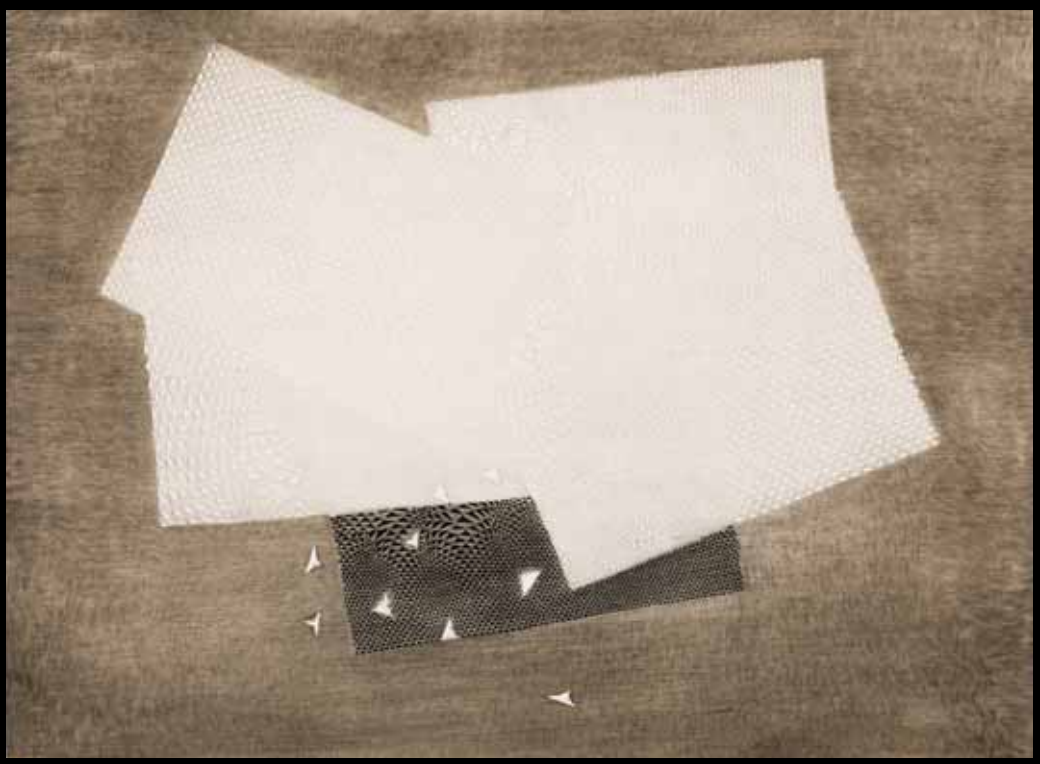
LOCAÇÃO DE ESPAÇOS NA SALA SÃO PAULO
EVENTOS@OSESP.ART.BR

ANÚNCIOS NA REVISTA OSESP
MARKETING@OSESP.ART.BR | 11 3367.9556

ARTE NA CAPA

Cada número da *Revista Osesp* traz na capa uma obra de artista brasileiro contemporâneo, do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Os trabalhos foram selecionados pela curadora-chefe da Pinacoteca, Valéria Piccoli, juntamente com o diretor artístico da Osesp.



ARTHUR LUIZ PIZA

São Paulo, SP, 1928

Espace dans le blanc [*Espaço dentro do branco*], entre 1973 e 1979
ponta-seca a cores sobre papel, 56,8 x 76 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Doação da Associação dos Amigos da Pinacoteca do Estado, 2000
Foto: Isabella Matheus

Arthur Luiz Piza é gravador, pintor e desenhista. Iniciou sua formação na década de 1940, sob orientação de Antonio Gomide (1895-1967), com quem estudou desenho, pintura e técnicas de afresco. Em 1951, expôs pinturas no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP) e na 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Nesse mesmo ano, mudou-se para Paris, onde estudou gravura em metal com Johnny Friedlaender (1912-92). Retornou ao Brasil em 1953 e participou da 2ª Bienal Internacional de São Paulo. Dois anos depois, instalou-se definitivamente em Paris. Entre as décadas de 1950 e 1960, experimentou novas técnicas de gravura e realizou projetos de *design* de objetos domésticos. Participou das bienais de Paris (1961 e 1963) e de Veneza (1966).

OSESP.ART.BR

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA